

Janeiro
Fevereiro
Março
2009

Mais um ano que começa. Cheio de dúvidas, porque vivemos num mundo em transformação acelerada em que por vezes só vemos perigos. José Mário Branco, no espectáculo que aqui apresentou em Outubro passado, lançava o grito que era uma pergunta, um convite, um imperativo: “Mudar de vida? Mudar de vida!”. As transições são muitas vezes dolorosas, mas também exaltantes. Se não desistirmos, se não dissermos “não posso mais, fico aqui”, como escreveu Goytisolo no poema que Paco Ibañez canta. É com ele, com Ibañez, que marcou a geração de 1960, que iniciamos a nossa programação de 2009.

Dos mais novos, poucos o conhecerei. Naqueles anos ele era um dos melhores “cantores de intervenção”, como na altura se dizia. As suas canções ajudavam-nos a lutar por um mundo melhor. E mantém toda a força de então.

Prosseguimos os nossos ciclos de conferências mensais. Em Janeiro, Paolo Pinamonti, que fez um trabalho tão magnífico como Director do Teatro São Carlos, vem-nos falar de ópera, uma das suas paixões. Em Fevereiro, José Pedro Serra, um professor e comunicador excepcional, conta-nos o “Fulgor da Grécia”, os “fios com que vamos tecendo o nosso histórico caminho”. Em Março, Rui Trindade, que aqui organizou, nos dois últimos anos, duas conferências internacionais, uma sobre a felicidade, outra sobre as regras da atracção, toma agora o papel de conferencista, refletindo sobre “algumas dimensões da nossa contemporaneidade” a partir de uma estimulante leitura sobre os novos caminhos do capitalismo.

A programação de teatro inicia-se com *O Som e a Fúria (Sete de Abril,*

1928) pela companhia americana que esteve na Culturgest em 2007 com o espectáculo *Gatz*, considerado pela crítica o melhor do ano. Agora, partem da primeira parte do romance genial de Faulkner para nos dar outro espectáculo inesquecível. Em Março, com encenação de Gonçalves Amorim, teremos *A Mãe*, de Brecht, baseada no texto homónimo de Gorki. “Essa [Mãe] que escolhe de uma forma violenta lutar por um ideal que embala como se fosse um filho”.

Na dança, apresentamos *parades & changes, replays*, uma reinterpretação da obra-prima de 1965 da coreógrafa americana Anna Halprin, uma das mais radicais e fecundas do século XX. Este espectáculo, de uma “beleza perturbante”, é o resultado de uma colaboração entre a própria Halprin e Anne Coloud e um grupo de coreógrafos e intérpretes de excepção. Segue-se, em Fevereiro, uma nova criação de Sónia Baptista, jovem criadora premiada e com larga carreira internacional, que neste espectáculo combina a dança com o cinema, a música, a poesia.

Uma vaca Flatterzunge é uma ópera de Vítor Rua, cheia de humor, em que, através da ironia e da sátira, se vão descrevendo os lugares comuns das óperas tradicionais e de vanguarda. É mais uma estreia absoluta, servida por excelentes músicos, que promete ser um acontecimento surpreendente.

Continuam os concertos comentados em torno da música do nosso tempo, com intérpretes e comentadores variados e programas escolhidos pela sua capacidade de atracção. Uma vez por mês, sempre aos domingos de manhã, a um preço simbólico, tocam, sucessivamente, a OrchestrUtopica, o

grupo Drumming e o Quarteto Remix. Procuramos que a música contemporânea chegue a mais pessoas, e para elas seja um motivo de prazer.

Prosseguimos também com o ciclo que iniciámos em 2008 em torno do jazz e da música improvisada contemporânea. Neste trimestre contamos com o duo de Nuno Rebelo e Dj Olive e o quinteto Dual Identity. No Grande Auditório, também na área do jazz, estarão presentes o quarteto do jovem guitarrista André Fernandes, um dos grande nomes do jazz português, a que se juntam, como convidados, Bernardo Sasseti e DJ Ride, o quarteto Índigo do extraordinário trombonista italiano Gianluca Petrella e o trio do veterano inglês John Taylor.

Novidade este ano é o evento, a que Ruben de Carvalho, que o concebeu, chamou *Hootenanny*, em torno da música folk norte-americana e da chamada *old time music*. Durante uma semana, além de três sessões de filmes, teremos três concertos com nomes consagradíssimos: Mike Seeger, da lendária família Seeger, Ira Bernstein e Riley Baugus, multiinstrumentistas, cantores e, no que se refere a Bernstein, exímio *tap dancer*. Ao Grande Auditório vem um dos mais notáveis virtuosos do banjo, Tony Trischka, com a Double Banjo Bluegrass Spectacular, um concerto que se baseia no recente álbum com o mesmo nome, considerado histórico pela crítica.

O coreógrafo Rui Horta e os Micro Audio Waves, um grupo português da pop-electrónica já consagrado nacional e internacionalmente, juntam-se para um concerto encenado com música, movimento e multimédia.

Canal Zero é um projecto de fusão entre música electrónica e musica acús-

tica que associa ao vivo a imagem vídeo em tempo real. É um grupo muito jovem, criado em 2004, que traz ao Pequeno Auditório o projecto a que chamou *Concerto para Maquinaria e Estados Líquidos*.

Para os mais novos, dos 5 aos 10 anos, teremos *Barulhada*, de Tânia de Carvalho, uma peça para uma bailarina e dois músicos. Cada movimento da bailarina dá origem a um som específico emitido pelos músicos, de tal forma que à primeira vista parece que é o seu corpo que faz a música.

No Carnaval volta o *Bal Moderne*, que já esteve dois anos seguidos na Culturgest com enorme sucesso. Durante 4 horas as pessoas aprendem e dançam 3 coreografias simples, num ambiente descontraído e muito divertido de um baile... moderno.

Temos ainda um ciclo de cinema com a obra completa da cineasta alemã Angela Schanelec, a voz mais singular do cinema alemão contemporâneo.

Quanto às exposições, nas Galerias de Lisboa haverá a primeira retrospectiva no estrangeiro de um veterano artista holandês, Vanderheyden, injustamente desconhecido no circuito internacional estabelecido. Apresentamos também o trabalho singularíssimo, sem concessão aos cânones da fotografia contemporânea, do alemão Jochen Lempert que fotografa obsessivamente animais a preto e branco. Para a Galeria do Porto, vai a primeira apresentação extensiva, fora do seu país de origem, da obra do artista sueco Alexander Gutke composta de filmes, diapositivos, esculturas, cobrindo um período de 2000 até hoje.

Como sempre, esperamos por si. Porque é para si que fazemos estas escolhas.

Programação

A *opera in musica* Apontamentos sobre a sua história

Por Paolo Pinamonti

PEQUENO AUDITÓRIO · 18h30

Entrada gratuita · Levantamento de
senha de acesso 30 min. antes de cada
sessão, no limite dos lugares disponíveis.
Máximo por pessoa: 2 senhas.

6 de Janeiro

A ópera na história

13 de Janeiro

**Do teatro da palavra, das novelas,
até aos libretos de ópera**

20 de Janeiro

Como a ópera sabe contar histórias

27 de Janeiro

O empresário em angústias

Há mais de 400 anos que a ópera lírica mantém uma extraordinária vitalidade e representa talvez hoje a verdadeira *koinè* artística e cultural da Europa, uma *koinè* artística que soube difundir-se para lá dos confins do velho continente. É interessante observar como o espectáculo

lírico, nascido na magnificência da corte renascentista italiana no fim do século XVI, se foi progressivamente adaptando às mais diversas realidades económicas e sociais, mantendo inalterada através dos séculos a sua capacidade expressiva e a pluralidade de sentidos da sua valência simbólica.

Durante os quatro encontros de Janeiro procurar-se-á entrar mais detalhadamente nos vários significados que a *opera in musica* assumiu no curso da sua vida já plurisecular: a história das diferentes formas de espectáculo, a história das transformações das fontes literárias nos diversos libretos de ópera, os artifícios dramaturgicos específicos com os quais a ópera sabe contar a história e, enfim, a história do seu sistema produtivo. Esta última, uma história ligada ao paradoxo do teatro lírico, uma forma de espectáculo que por definição nunca foi auto-suficiente de um ponto de vista



económico-financeiro, mas que apesar disso atravessou quatro séculos de história europeia, uma história também muito dramática, mantendo inalterada a sua força expressiva.

Paolo Pinamonti (1958) é professor de Elementos de História do Concertismo e de História da Música Contemporânea na Universidade Ca'Foscari de Veneza. A par do trabalho científico, desenvolveu actividade no campo da organização artística. De 1997 a 2000 foi Director Artístico do Teatro la Fenice de Veneza e de 2001 a 2007 foi Director do Teatro Nacional de São Carlos. Desde 2007 é Director Artístico do Festival Mozart na Corunha, Galiza.

Lyric opera has existed for over 400 years. From the Italian Renaissance court it has adapted to new economic and social realities to reach every corner of Europe. These four talks in January will look at opera over the centuries: the history of its different formats, literary sources, story-telling and production (opera has never been financially viable, and yet it survives).

Paolo Pinamonti lectures at Ca'Foscari University in Venice. He was artistic director of La Fenice Theatre in Venice, and until 2007 director of Portugal's National Opera House - São Carlos. He is now artistic director of the Mozart Festival in La Coruña, Spain.

Paco Ibañez em Concerto

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração aproximada: 1h30 · M12
€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

Voz e guitarra Paco Ibañez *Cenografia* Frederic Amat *Desenho de luz* Albert Faura *Operação de som* Jordi Salvado *Produção* A Flor de Tiempo

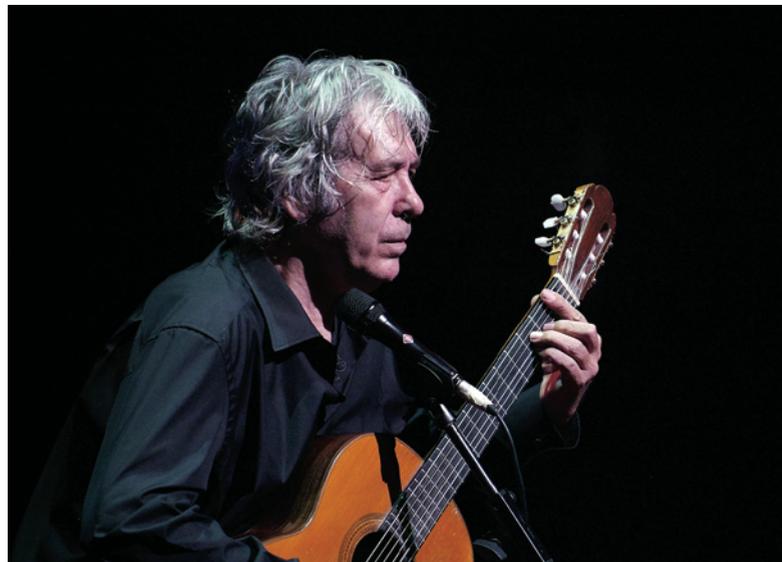
Paco Ibañez nasceu em Valência em 1934. Viveu grande parte da sua vida no exílio, em França. Em criança, acompanhando os seus pais; quando adulto, por pressão do regime de Franco, que o proibiu de cantar em qualquer local de Espanha.

Em Paris descobre a música de Georges Brassens e de Atahualpa Yupanqui, duas referências maiores na sua formação artística e ideológica. No final dos anos 1950, ao compor uma

canção sobre um poema de Góngora, encontra o seu caminho – escrever canções com base em poemas de grandes autores espanhóis e interpretá-las, quase sempre sozinho, com a sua guitarra.

Canções em que a força da palavra cantada “é uma arma carregada de futuro”. Canções que falam do exílio e da liberdade, da luta e da esperança, da violência e da alegria. Ibañez, segundo Vasquez Montalbán, “pratica constantemente a provocação cultural, a crítica dura e directa contra os inimigos sucessivos da emancipação individual e social”.

Ouvi-lo, agora que tem 74 anos e permanece lutando pelos mesmos ideais, continua a ser uma experiência emocionante, um tempo de reflexão, sobre a nossa vida e sobre a nossa



responsabilidade perante os outros. Nas palavras de Goytisolo, às quais Paco Ibañez juntou uma música tão bela, “nunca te entregues, ni te apartes, / junto al camino, nunca digas / no puedo más y aquí me quedo. / Outros esperan que resistas. / Que les ayude tu canción”. Ou, como diz Blas de Otero, noutra poema que Paco musicou, “quando tudo perdemos, ainda resta a palavra.”

Este concerto é sobre o poder da palavra. Num mundo tão incerto, em que tudo se passa a uma velocidade desmedida, em que só com esforço alguns conseguem parar para pensar, vale a pena ouvir os poemas tão fortes e, por vezes, comoventes, que Paco Ibañez tão bem canta. Com a sua voz e a sua guitarra. Consulte o site de Paco Ibañez em www.aflordetiempo.com

Paco Ibañez was born in Valencia, Spain, in 1934 but lived for many years exiled in France, where he discovered the music of Brassens and Atahualpa Yupanqui. In the 1950s he began writing songs of exile and freedom, struggle and hope, violence and joy, based on the poems of great Spanish writers, which he performed accompanied by his own guitar. At 74 he still fights for the ideals that he has always championed, and his show is still exciting: it is an opportunity to reflect on our own lives and our responsibility to others; it evokes the power of words. Paco Ibañez sings striking and often moving poems – with both his voice and his guitar.

Música com Comentários OrchestrUtopica

Concerto comentado por Paolo Pinamonti

GRANDE AUDITÓRIO · 11h00

Duração aproximada: 1h10 · M6

€2,5 (preço único) · Para este concerto a bilheteira abre das 10h às 11h, retomando o horário normal às 14h.

Soprano Alexandra Moura

Mezzo-soprano Cátia Moreso **Baritone** João Merino **Maestro** Cesário Costa

Programa

Arvo Pärt *Frates*

Luciano Berio *O King*

György Ligeti *Aventures*

Luís Tinoco *Invenção sobre paisagem*

Por dentro da nova música

Visando criar uma maior aproximação com a música de hoje, a OrchestrUtopica participa este ano, mais uma vez, na série de concertos comentados da

Culturgest, com um programa especialmente pensado para um público alargado e de todas as idades. Este concerto propõe-se corresponder à curiosidade e ao interesse crescentes que a música contemporânea desperta, através de uma selecção de compositores e obras que serão comentadas e contextualizadas pela voz autorizada de Paolo Pinamonti.

A riqueza e a diversidade da nova música, num programa que apresenta uma panorâmica sobre diferentes linguagens musicais do século XX, inicia-se com *Frates*, uma obra de 1977 de Arvo Pärt, compositor lituano que propõe uma “nova simplicidade” como relação contemporânea com a música; passando por *O King*, de Luciano Berio, escrita em homenagem a Martin Luther King, celebrando a liberdade e a tolerância, e por



Aventures, do compositor György Ligeti, uma “encenação musical” para vozes, numa linguagem imaginária. O programa do concerto termina com *Invenção sobre paisagem*, uma obra que sugere a imaginação e a invenção de um espaço interior de escuta, da autoria de Luís Tinoco, um dos mais activos e reconhecidos compositores portugueses.

Música com comentários, num concerto aberto ao mundo da música de hoje. Uma oportunidade única para conhecer a música por dentro e para penetrar no mundo da criatividade musical dos nossos dias.

To bring people closer to today's music OrchestrUtopica performs a concert aimed at a diverse audience of all ages, while Paolo Pinamonti provides an insightful and authoritative commentary.

This concert starts with the “new simplicity” of *Frates* (1977) by Lithuania's Arvo Pärt, followed by *O King* by Luciano Berio, written to celebrate freedom and tolerance, in homage to Martin Luther King. Thirdly comes *Aventures* by György Ligeti, written in an imaginary language, and finally *Invenção sobre paisagem* by Luís Tinoco, one of Portugal's leading and most active composers. A unique chance to delve inside musical creativity.

The Sound and the Fury (April Seventh, 1928)

O Som e a Fúria (Sete de Abril, 1928)

Um espectáculo de Elevator Repair Service

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO
21h30 (dias 16 e 17) 17h00 (dia 18)
Duração: 2h15 · M12
€15 · Jovens até aos 30 anos: €5
Espectáculo em inglês,
com legendas em português

Texto William Faulkner **Criação** Elevator Repair Service **Encenação** John Collins
Cenografia David Zinn **Figurinos** Colleen Werthmann **Desenho de luz** Mark Barton
Desenho de som Matt Tierney **Projeções** Eva von Schweinitz **Direcção de cena** Sarah C. Hughes
Director de produção Brian Garber
Coreografia Elementos da Companhia
Produtora Ariana Smart Truman
Com Mike Iveson, Vin Knight, Aaron Landsman, April Matthis, Annie McNamara, Randolph Curtis Rand, Greig Sargeant, Kate Scelsa, Kaneza Schaal, Susie Sokol, Tory Vazquez, Ben Williams
Estreia 15 de Abril de 2008 no New York Theatre Workshop

Em 2007, a companhia Elevator Repair Service apresentou na Culturgist *Gatz*, uma encenação-maratona do texto integral de *O Grande Gatsby* de Fitzgerald, que foi considerada o melhor espectáculo do ano pelos críticos do *Público* e do *Expresso*. O grupo, que nas suas produções combina comédia *slapstick*, cenários de alta e baixa tecnologia, textos literários ou *found-texts*, objectos encontrados e mobília deitada fora, assim como um estilo coreográfico altamente desenvolvido, tem-se concentrado ultimamente em textos literários e regressa agora com a estreia europeia de *The Sound and the Fury (April Seventh, 1928)*, a partir de Faulkner.

Escrito em 1929, este texto conta a história do declínio da família Compson do condado ficcional de Yoknapatawpha, no Mississípi. Este clã outrora nobre, descendendo de um herói da Guerra Civil, torna-se vítima



de muitas das limitações que Faulkner acreditava serem os problemas do Sul reconstruído – racismo, ganância, egoísmo – mostrando assim como os ideais e a vida do velho Sul não se podiam manter ou preservar com facilidade depois da Guerra Civil. *Sete de Abril, 1928*, a primeira parte do romance, é contada do ponto de vista de Benjy Compson, que é mudo e tem a idade mental de uma criança.

William Faulkner é conhecido pela complexidade estrutural da sua escrita. A primeira parte de *O Som e a Fúria* é uma das passagens mais temíveis da literatura americana e isto atraiu-nos. Ao entrar na cabeça de Benjy – que descreve como “verdadeiramente inocente” – Faulkner escolheu saltar no tempo de um acontecimento para outro (por vezes galgando trinta anos para trás) sem transição e, por vezes,

sem qualquer pista sobre o que está a fazer. Pôr isto em cena pareceu-nos um enorme desafio.

John Collins

After *Gatz*, a marathon performance of Fitzgerald's *The Great Gatsby* presented at Culturgist in 2007, ERS returns with Faulkner's *The Sound and the Fury (April Seventh, 1928)*. Director John Collins says “William Faulkner is notorious for structural complexity in his writing. The first section of *The Sound and the Fury* is one of the more daunting passages in American literature and this was a draw for us. To get inside the head of Benjy – whom he describes as ‘truly innocent’ – Faulkner chose to leap from one event in time to another (jumping as far as thirty years into the past) seamlessly and, sometimes, without any hints as to what he's up to. Bringing this to the stage struck us as a great challenge.”

Nuno Rebelo e DJ Olive

Ciclo ISTO É JAZZ?
Comissário: Pedro Costa

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração aproximada: 1h00 · M12

€5 (preço único)

Guitarra e objectos amplificados Nuno Rebelo
Turntables e electrónicas DJ Olive

Depois de feita a experiência durante três dias no Vooruit em Gent (Bélgica) e num concerto em Lisboa integrado no ciclo *Palavras Desencarnadas*, DJ Olive e Nuno Rebelo ficaram a pensar em novos pretextos para desenvolver o seu trabalho conjunto, em que explorassem um contexto musical de forte carácter experimental. Rebelo e Olive são sobejamente conhecidos por serem inclassificáveis e por procurarem continuamente novos pretextos para a sua arte, sejam eles electrónicos, ambientais, de cariz mais pop ou mais orgânico. Para esta

ocasião especial foi-lhes feito o desafio de apresentarem uma criação inspirada em modelos jazzísticos.

DJ Olive é um músico impossível de catalogar. Cresceu em Boston, Nova Scotia, Trinidad, Rhode Island e Austrália e, nos anos 1990, foi co-fundador da organização Lalalandia Entertainment Research Corporation que organizou em Brooklyn alguns dos mais memoráveis *after-hours* da época. Multipolyomni e We (com DJ Spooky, Sub Dub e Byzar, Liminal) são dois dos mais notáveis projectos que criou. O álbum *As is* com os We (1997) foi considerado um clássico *ambient/dub/hip-hop* numa fusão muito experimental. Fundou duas editoras, Phonomena Audio Arts & Multiples e The Agriculture. O seu percurso musical foi feito também ao lado de músicos como Luc Ferrari, Christian Fennesz,

Nuno Rebelo © Rodrigo Amado



DJ Olive



Otomo Yoshihide, Yuka Honda, Khan & Walker, Thurston Moore, Jah Wobble, Mike Watt, mas também de músicos mais próximos do jazz como Marc Ribot, Derek Bailey, John Medeski, Dave Douglas e Uri Caine, entre outros.

Nuno Rebelo, após um início de carreira nos anos 1980 onde ganhou visibilidade como líder dos Mler lfe Dada, dedicou-se às músicas experimentais e à composição de música para dança, teatro e cinema. Foi o autor do hino da Expo'98 e é hoje reconhecido internacionalmente como um dos mais importantes guitarristas portugueses da música improvisada. Em 1993, começou a aplicar à guitarra portuguesa as técnicas até então desenvolvidas na guitarra eléctrica, tendo-a baptizado de guitarra portuguesa mutante.

After working together briefly in Belgium and Lisbon, DJ Olive and Nuno Rebelo hoped to revive their experimental-music collaboration. Here, they have been set the challenge of producing a jazz-based creation.

DJ Olive is impossible to categorize as a musician. He grew up in many parts of the world, and was joint founder of the Lalalandia Entertainment Research Corporation. His *As Is* album (1997) is seen as a classic.

After leading Mler lfe Dada in the 1980s, Nuno Rebelo switched to experimental music, and dance, theatre and film music. He wrote the anthem for Expo'98. He is one of Portugal's top guitarists, and applies techniques developed on electric guitar to the Portuguese guitar.

parades & changes, replays

Anna Halprin / Anne Collod & Guests

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração aproximada: 1h30 · M12
€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Uma reinterpretação de *Parades & Changes*, peça de Anna Halprin criada em colaboração com Morton Subotnick (1965)

Conceito e direcção artística Anne Collod (em diálogo com Anna Halprin e Morton Subotnick) **Interpretação e co-criação** Boaz

Barkan, Nuno Bizarro, Alain Buffard, Anne Collod, DD Dorvillier, Vera Mantero

Música Morton Subotnick com assistência de Sébastien Roux **Colaboração artística** Cécile Proust **Luz** Mikko Hynninen **Figurinos** Misa Ishibashi **Cenografia** Misa Ishibashi, Alain Gallissian **Elaboração gráfica das partituras** Mathias Poisson **Direcção técnica e de som** Nicolas Barrot

Trabalho rítmico Jean-Luc Landsweerd

Trabalho vocal Anne-Laure Poulain

Produção executiva Camille Desjardins, Marie Roche, Henri Jules Julien

Uma produção ...& alters **Co-produção** Festival d'Automne à Paris, Les Spectacles

vivants - Centre Pompidou, Biennale de la Danse de Lyon, Centre National de Danse Contemporaine d'Angers, Le Manège de Reims - Scène Nationale, Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc Roussillon **Apoio financeiro** New England Foundation for the Arts, FUSED, French American Cultural Society, ADAMI, DRAC Île de France, SPEDIDAM, Fondation Beaumarchais, CulturesFrance, Services culturels, Consulat Général de France à San Francisco, Services culturels, Ambassade de France aux USA **Apoio** Culturgest, Le Vivat Scène Conventioneée d'Armentières, Micadanses Paris - Les Laboratoires d'Aubervilliers **Agradecimentos** Jacqueline Caux, Folke Rabe, John Graham, Sherwood Chen, Tanguy Accart, Laurene Blanckaert, La revue Eclair, Alain Michard, Gaëlle Bourges, Angèle Legrand, Beryl Breuil, Solène Levasseur, Aline Landreau, Javiera Peon-Veiga, Marie Carteri.

A partir dos anos quarenta, a coreógrafa Anna Halprin desenvolveu na Califórnia uma das aventuras artísticas mais radicais e fecundas do século XX. Improvisação, criação colectiva, entrada dos gestos quotidianos e da noção de 'tarefa' no campo da dança, trabalho na natureza e sobre a nudez, envolvimento nas grandes lutas políticas e sociais, elementos que estão na base da 'performance' e que influenciaram de forma determinante a dança pós-moderna americana.

Verdadeira 'cerimónia da confiança', *Parades & Changes*, obra cimeira de 1965, põe a nu o processo, o lugar, a acção e o próprio *performer*. Baseada na improvisação estruturada e na utilização de partituras (*scores*) como utensílios de criação e de escrita coreográfica, a peça desenvolve uma série de 'paradas' que atravessam o espaço teatral e joga com acções do quotidiano alteradas, corpos sonoros, viagens de objectos, temporalidades distendidas e sensorialidades múltiplas.

Em diálogo com Anna Halprin, Anne Collod e um grupo de coreógrafos/*performers* de primeiro plano actualizam os múltiplos cenários desta obra aberta. Propõem uma reinterpretação extensiva que permite ao público descobrir a dimensão total desta peça que esteve interdita durante vinte anos nos Estados Unidos devido ao uso da nudez.

"A beleza perturbante destas composições para corpos, música, cores, sons, palavras e acções quotidianas opõe-se magistralmente ao conceito de não-dança que os reaccionários de hoje agitam". O vigor e a espantosa frescura desta recriação, que reactiva alguns dos questionamentos mais actuais, restituem

com brilho a obra de Anna Halprin ao lugar crucial que lhe pertence na dança e na performance.

In the 1940s Anna Halprin began a hugely fertile choreographic adventure involving improvisation, daily actions, nudity, and political and social struggle. It had a decisive influence on post-modern American dance.

1965's *Parades & Changes* is based on structured improvisation: a series of parades criss-crosses the theatre and interplays with altered everyday actions and time.

In dialogue with Halprin, Anne Collod and other leading choreographers/*performers* have re-interpreted the work, which was banned for 20 years in the US for its nudity. This vigorous recreation restores Halprin to her pivotal place in dance and performance.

© Jérôme Delatour



Comunidade de Leitores

O Dinheiro e/ou a Felicidade? Por Helena Vasconcelos

SALA 4 · 18h30 Inscrições até 23 de Janeiro (limite de 40 pessoas) na bilheteira da Culturgest, pelo telefone 21 7905155, pelo fax 21 7905154 ou pelo e-mail culturgest.bilheteira@cgd.pt

28 de Janeiro

Status. Ansiedade

Alain de Botton, Ed. Dom Quixote

11 de Fevereiro

Money

Martin Amis, Ed. Teorema

25 de Fevereiro

O Último Magnate

Scott Fitzgerald, Ed. Relógio D'Água

4 de Março

Washington Square

Henry James, Ed. Europa-América,

Ed. Estampa como "A Herdeira"

18 de Março

Uma Barragem Contra o Pacífico

Marguerite Duras, Ed. Difel

25 de Março

O Parque de Mansfield

Jane Austen, Ed. Europa-América

Nesta época 'de crise', como convivemos com o dinheiro (ou com a sua falta)? Estarão o dinheiro e a felicidade estreitamente ligados? Anthony Trollope, no século XIX, inspirou-se em escândalos financeiros para contar, em *The Way We Live Now* (1875), várias histórias – entre elas a de Lady Carbury, que recorre à escrita para sobreviver e manter a sua 'reputação' – que ilustram a corrupção económica, moral, política e intelectual, do seu tempo. Durante os séculos XVIII e XIX, esta questão foi alvo de escrutínio por parte de pensadores e analistas económicos. Em *Candide* (1759), Voltaire remete a felicidade, enigmáticamente, para a forma como "cultivamos o nosso próprio jardim" e critica asperamente o consumismo desregrado. Do século XVIII para o XIX, o dinheiro – heranças, investimentos, especulações – foi o centro das atenções como nos mostra William Thackeray em *Barry Lyndon* (1844) e *Vanity Fair* (1848), dois romances que satirizam uma sociedade



dependente do 'vil metal', recuperando a tradição picaresca de Henry Fielding (*Tom Jones*, 1749).

Nesta Comunidade, começaremos por Alain de Botton e a sua análise do conceito de *status* contemporâneo, cuja fragilidade se revelou no *crash* económico recente. Com Amis, revisitaremos um clássico que ilustra os excessos dos anos 1980 e, com Fitzgerald, mergulharemos na plena nostalgia de um breve tempo de abundância. Henry James mostra-nos o lado sombrio do dinheiro e o seu poder manipulador, o que acontece, também, na recordação de Duras, condenada a uma pobreza abjecta na remota Indochina. Para terminar, Jane Austen revela a sua atitude em relação ao dinheiro no seu romance mais inquietante. Através destas leituras discutiremos o lugar dos bens materiais na vida dos seres humanos que, afinal, parecem

não ter mudado muito, ao longo dos tempos.

Helena Vasconcelos

In this time of crisis, how do we view money? Are money and happiness linked? In the 19th century, Anthony Trollope used financial scandals to portray corruption in *The Way We Live Now*. In *Candide* (1759) Voltaire criticized untrammelled consumerism. Thackeray's *Barry Lyndon* and *Vanity Fair* satirized inheritance, investment and speculation in the picaresque manner of Fielding's *Tom Jones*.

These readings start with Alain de Botton's analysis of status. Through Amis we revisit the excesses of the 1980s, and Henry James reveals the dark side of money and its power to manipulate. Finally, Jane Austen offers her views on money in her most disturbing novel.

Uma Vaca Flatterzunge

De Vítor Rua

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Direcção artística Vítor Rua **Composição, libreto e condução** Vítor Rua **Assistente de direcção** Ilda Castro **Direcção de movimento** Ana Borralho e João Galante **Cenografia** Rui Chafes **Video** Paulo Abreu **Figurinos e joalheria** Ilsa D'Orzac **Caracterização** Jorge Bragada **Percussão** Eddie Prevóst **Computador e electrónica** Vítor Rua **Saxofones** Daniel Kientzy **Tuba e trombone** Giancarlo Schiaffini **Piano** John Tilbury **Quarteto de cordas** Quarteto Arabesco **Cantores** Ana Ferreira, Hélder Bento, Marco Alves dos Santos e Margarida Marecos **Desenho de luz e direcção técnica** Carlos Ramos **Desenho de som** Francisco Leal **Realização vídeo-documentário** João Dias **Produção vídeo-documentário** OPTEC **Assistente de som** de Daniel Kientzy **Reina** Portuondo **Produção** casaBranca **Co-produção** Culturgest **Apoio** OPTEC, Atelier RE.AL **Projecto financiado por** Direcção-Geral das Artes/Ministério da Cultura

Em *Uma Vaca Flatterzunge* o compositor assume uma posição denegatória e satírica em relação ao termo – recorre ao estereótipo da 'ópera bufa', com emprego trivializado de diálogos e solos fora do recitativo da ópera dita 'séria'; insinua uma 'ópera cómica', que, por seu turno, era uma comédia lírica entre o cantado e o falado; é remanescente da 'opereta', uma forma ligeira e sentimental, visando o grande público e multiplicando os diálogos, peça fantasista, paródica e burlesca, assume mesmo uma noção desconstrutiva do teatro musical dando ênfase à parte instrumental, numa postura pós-modernista.

As personagens fazem parte dum imaginário esquivo, são representações e simbolizações sociomusicais enredadas num mundo satírico, corrupto, bizarro, assombrado pela ironia, despidas, comprometidas na simplicidade do senso comum.

© Ilda Castro



Rui Chafes criou para esta representação uma escultura *sui generis* – um rochedo-vagina que flutua misteriosamente sobre todo o proscénio como um objecto alienígena.

Ana Borralho e João Galante tomaram conta da coreografia prescrita pelo compositor, Paulo Abreu imaginou líricas paisagens vídeo e a surrealista indumentária e joalheria ficou a cargo de Ilsa D'Orzac.

Uma Vaca Flatterzunge é um fluxo de gestos criativos timbrados pelo humor – incidentalmente, dentro da noção de *music/performance art* – e pela qualidade incedível dos seus solistas internacionais recrutados para esta exibição. A representação torna-se maravilhante, rica, irradiando vida. Tudo se passa num mundo patético para-operístico, num teatro absurdo de compositores, intérpretes e críticos/musicólogos.

Jorge Lima Barreto

In *Uma Vaca Flatterzunge* the composer makes satirical use of comic opera by trivializing the dialogues and solos of 'serious' opera. The characters are part of a strange imaginary world – socio-musical symbols caught up in a satirical, corrupt, bizarre and ironic world.

For this performance Rui Chafes has created a singular sculpture – a vagina-rock which floats mysteriously above the stage like an alien object. Ana Borralho and João Galante are responsible for the choreography, and costumes and jewellery are by Ilsa D'Orzac.

Uma Vaca Flatterzunge is a musical/performance art work of creative movement and humour. A delightful show that is full of life and absurdity.

MIC
Ministério da Cultura

dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES

casabranca

OPTEC

ATELIER
REAL

Hootenanny

Comissário: Ruben de Carvalho

PEQUENO E GRANDE AUDITÓRIOS

M12 · Preços variáveis

O termo *hootenanny* está, como tantas outras coisas da música popular norte-americana, indissolavelmente ligado à figura de Pete Seeger. Segundo o autor de *If I Had a Hammer*, a primeira vez que ouviu este termo foi no final da década de 1930, em Seattle, onde fora adoptado por um clube popular ligado ao *New Deal* rooseveltiano para designar as suas iniciativas mensais de recolha de fundos.

Seeger, Woody Guthrie e os seus companheiros dos *Almanac Singers* viriam igualmente a adoptar a designação para dar nome aos espectáculos que semanalmente passaram a realizar no quadro da cooperativa de artistas e cantores *Peoples Song, Inc.*, fundada em 1948 com a finalidade de apoiar sindicatos, organizações sociais e de esquerda.

A génese do termo é polémica, o próprio Pete Seeger admite que possa ter uma sinuosa origem em colonos franceses dos EUA, mas acabaria por se fixar correntemente como referência a festa musical popular mais ou menos informal. Com este sentido viria a ser adoptada pelos *Almanac*, a designar programas de rádio e televisão surgidos nos anos 60 e a generalizar-se como sinónimo de espectáculo de música *folk* e *old time*. Frequentemente se cita a analogia feita por Joan Baez segundo a qual *hootenanny* está para a *folk* como *jam session* para o jazz.

O Hootenanny que a Culturgest passará a organizar anualmente pretende apresentar um conjunto de espectáculos de vários géneros, tendo como tema central a música *folk* norte-americana e a designada *old time music*, num espectro musical que irá dos *blues* tradicio-



nais, passando pelo *bluegrass*, *cowboy songs*, *topical songs*, primeiro e segundo *folk revivals*, até às expressões da *country music* onde prevalece o elemento popular e a influência tradicional sobre a bem menos interessante presença pop e *mainstream*.

A primeira edição do Hootenanny compreende os eventos constantes das páginas seguintes e um *workshop* por Richard Greene sobre *fiddle*, o tradicional violino popular, dirigido a alunos do Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa e da Escola Profissional Metropolitana, ambos da AMEC – Associação Música, Educação e Cultura.

The word hootenanny is closely linked to Pete Seeger. He first heard it in the 1930s in Seattle to describe fund-raising

activities. Seeger, Woody Guthrie and the Almanac Singers used the name for their weekly shows for the Peoples Song, Inc. artists' cooperative founded in 1948 to support unions, left-wing and social organizations. It now means a more or less informal music festival – folk's equivalent of a jam session.

Culturgest's annual hootenanny will involve shows and other activities based on American folk and 'old-time' music, including blues, bluegrass, cowboy songs and country music. The first one includes the events on the following pages, plus a fiddle workshop by Richard Greene.

American Patchwork – Appalachian Journey

De Alan Lomax
Ciclo Hootenanny

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M12

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Filme em inglês, não legendado.
Em suporte vídeo.
Apresentação por Mike Seeger

Entre 1978 e 1985, Alan Lomax (1915-2002), filho do etnomusicólogo John Lomax e continuador da sua obra, percorreu o Sul e o Sudoeste dos Estados Unidos acompanhado por uma equipa de televisão e realizou uma das mais vastas recolhas de folclore organizadas até hoje. O resultado de quase 500 horas de filmagem traduziu-se nos

cinco programas com o título genérico *American Patchwork* transmitidos pela estação pública norte-americana PBS em 1991.

Appalachian Journey faz parte desta série – uma hora dedicada à música e às tradições dos montes Apalaches, um precioso repositório do património da cultura popular dos EUA. Depoimentos, danças, canções preenchem um fascinante retrato onde sobressaem personalidades como Jeanette Carter, a última representante da famosa Carter Family, Stanley Hicks ou Ray Fairchild, considerado o mais rápido intérprete de banjo do mundo.

From 1978 to 1985, Alan Lomax (1915-2002) scoured the Southern and South-East US with a television crew and

Alan Lomax nas filmagens de *American Patchwork*



compiled one of the greatest collections of folk traditions ever made. Almost 500 hours of film were boiled down into five programmes called *American Patchwork*, broadcast by the PBS network in 1991.

Appalachian Journey forms part of that series: one hour of Appalachian music and traditions. Testimony, dance and songs offer a fascinating portrait, with such personalities as Jeanette Carter – last representative of the famous Carter Family – Stanley Hicks and Ray Fairchild, who is regarded as the world's fastest banjo player.

Mike Seeger

Ciclo Hootenanny

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12 · €5 (preço único)

A família Seeger tornou-se em todo o mundo um quase sinónimo da música popular norte-americana e do trabalho de recuperação e divulgação da música tradicional.

As origens dos Seeger remontam às dos próprios EUA (o primeiro Seeger chegou às Américas no *Mayflower*), mas foi essencialmente com Charles Seeger (1886-1979), compositor clássico, e com John Lomax (1867-1948), que se iniciou o essencial papel de pioneiro da investigação e recolha da música popular norte-americana. Este trabalho foi prosseguido pelos seus filhos Pete Seeger (1919-), Mike Seeger (1933-) e Margaret (Peggy) Seeger (1935-).

A casa dos Seeger foi uma espécie de conservatório, onde regularmente se

aprendia música, se tocava e cantava. No caso de Mike Seeger, juntaram-se muitas outras influências, com especial destaque para Elizabeth Cotten (1885-1987), empregada doméstica do lar dos Seeger e dotada de um extraordinário talento que dela faria uma das mais prestigiadas figuras da música afro-americana.

Durante a adolescência e juventude, Mike revelou-se um notável multi-instrumentista aprendendo a tocar, além de guitarra, *fiddle*, dulcimer, banjo, bandolim, harmónica, praticamente todo o instrumental da música *folk*!

Em 1958, com Tom Paley e John Cohen, constituiu um dos mais influentes e duradouros grupos *folk*, os New Lost City Ramblers que desempenhariam um papel determinante no segundo *revival folk*, nos anos 60, com 15 discos gravados. Nesta altura possuía já uma

© McGuire



larga experiência de trabalho e recolha de campo, resultado do convite que o criador da editora Folkways, Moses Asch, formulara.

No final da década de 60, constituiria com Alice Gerrard e Hazel Dickens os Strange Creek Singers.

Compositor, músico, cantor, conferencista, investigador, Mike Seeger mantém-se como uma das figuras centrais da *folk* americana, tendo gravado em 2007 um álbum com Ry Cooder e participado no aplaudido trabalho *Raising Sand* de Alison Kraus e Robert Plant.

The Seegers are virtually synonymous with American folk. Their origins are traced back to those of the United

States, the first Seeger arriving on the *Mayflower*. It was Charles Seeger (1886-1979), working with John Lomax (1867-1948), who began researching and collecting American folk music. His work was continued by his children Pete (1919-), Mike (1933-) and Margaret (Peggy) (1935-).

Mike proved to be a consummate musician, playing guitar, fiddle, dulcimer, banjo, mandolin and harmonica. He recorded 15 albums with the New Lost City Ramblers and then formed the Strange Creek Singers. In 2007 he recorded an album with Ry Cooder, and also worked on Alison Kraus and Robert Plant's *Raising Sand*.

Dreadful Memories

The Life of Sarah Ogan Gunning

Ciclo Hootenanny

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Filme em inglês, não legendado.

Em suporte vídeo.

Apresentação por Ruben de Carvalho

Em 1935, após duas décadas de participação nas duras lutas dos mineiros do Kentucky e enfrentando a dureza da crise de 1929, três dos quinze filhos da família do mineiro Oliver Garland - Jim Garland, Aunt Molly Jackson e Sarah Ogan Gunning (1910-1983) - viajaram para Nova Iorque em busca de sobrevivência. Todos estavam destinados a

transformar-se em lendas da música americana, protagonistas centrais do primeiro *revival* e, muito especialmente, da ligação entre a *folk* e a *topical song* ao movimento sindical que o caracterizou, com destaque para a divulgação do vasto folclore das comunidades mineiras de carvão.

Sarah Ogan foi não apenas uma presença constante em manifestações, greves e comícios, mas uma compositora que deixou um vasto legado no patrimônio musical *folk*.

Contando com depoimentos de Pete Seeger, Hazel Dickens, Archie Green e outros companheiros de Sarah Ogan, *Dreadful Memories* é um interessante retrato não apenas de um *folksinger*, mas também da realidade do trabalho nas minas, do seu cotidiano e do seu folclore.

Sarah Ogan Gunning e o seu irmão Jim Garland



In 1935, after 20 years of Kentucky miners' struggles and the 1929 crash, three of Oliver Garland's 15 children, Jim Garland, Molly Jackson and Sarah Ogan Gunning (1910-1983), moved to New York. All three became legends of the revival movement, making the link between folk and the trade union movement and highlighting the folk traditions of the coal mining community.

Sarah Ogan was a constant presence at protests and strikes, and a fine songwriter. *Dreadful Memories* includes interviews with Pete Seeger, Hazel Dickens and Archie Green, and is an interesting portrait not just of a folk singer, but also of life down the mines, and miners' day-to-day lives.

Appalachian Roots

Ira Bernstein e Riley Baugus

Ciclo Hootenanny

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12 · €5 (preço único)

Os Montes Apalache são uma das regiões musicalmente mais ricas dos Estados Unidos e desempenharam um papel essencial no despertar da investigação etnomusicológica do país. Constituindo uma barreira natural entre os estados ribeirinhos do Atlântico, os primeiros a serem colonizados, e tendo a expansão para o Oeste torneado a cadeia montanhosa pela Pensilvânia a norte e pela Geórgia e o Alabama a sul, a população essencialmente rural das montanhas viveu um relativo isolamento, praticamente até aos primeiros anos do século XX. Era designada, aliás, pelas populações das cidades circundantes de *hillbillies*, 'os *bills* da montanha', expressão que encerra um certo sentido pejorativo, sublinhando a rudeza da sua vida

de montanhese e o seu afastamento da 'vida civilizada' urbana.

Colonizados a partir do século XVIII, sobretudo por emigrantes originários da Irlanda e da Escócia, os isolados montes Apalaches revelaram aos investigadores que os percorreram nas primeiras décadas do século passado um inesperado tesouro de cultura popular invulgarmente preservada, com expressões em todas as áreas e muito em particular na música.

É inteiramente detectável na música dos Apalaches a herança das tradições musicais irlandesas e escocesas – célticas, se se adoptar essa qualificação – embora denotem evoluções que se acentuaram com aculturações várias, incluindo a influência afro-americana devido ao afluxo de população negra procurando trabalho, especialmente nas minas.

Ira Bernstein e Riley Baugus



Ira Bernstein iniciou a sua carreira enquanto estudante em Filadélfia, cidade onde existe uma activa comunidade de amadores e praticantes de *old time music* e outras expressões tradicionais, vindo a especializar-se no sapateado, a *tap dance*, sobre a qual desenvolveu uma exímia capacidade de execução simultaneamente com vastos estudos de todas as expressões, desde as afro-americanas às do *musical*, passando pelos *cloggin* e *flatfooting* dos Apalaches.

Com o virtuoso de banjo e cantor Riley Baugus, Ira organizou um interessante espectáculo com o título *Appalachian Roots* que constitui uma verdadeira viagem pelas canções e danças das montanhas Apalaches, talvez ainda hoje a mais conservada expressão do intercâmbio cultural entre as tradições europeias de há séculos atrás e as

transformações verificadas na sua passagem à outra margem do Atlântico.

In music terms the Appalachians are one of America's richest regions, and have been central to its search for its musical roots. The mostly rural mountain population – hillbillies, as the city dwellers termed them – lived a fairly isolated life until the early 20th century. The mountains were colonized mainly by Scottish and Irish migrants. Celtic traditions are evident in the music, but the Afro-American influence can also be heard.

Tap dancer Ira Bernstein and banjo virtuoso and singer Riley Baugus's show is called *Appalachian Roots* – a veritable tour around Appalachian song and dance and a fine example of how American folk traditions are interwoven.

Flatpicking e fingerpicking

A guitarra de Doc Watson: uma antologia

Ciclo Hootenanny

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Filme em inglês, não legendado.
Em suporte vídeo

Arthel (Doc) Watson nasceu em 1923 na Carolina do Norte. Uma grave infecção nos olhos provocou-lhe a cegueira ainda antes de completar o primeiro ano de vida, tendo frequentado uma escola para invisuais em Raleigh (Carolina do Norte). Muito cedo revelou um particular talento musical, tocando banjo com 5 anos e, tendo-lhe

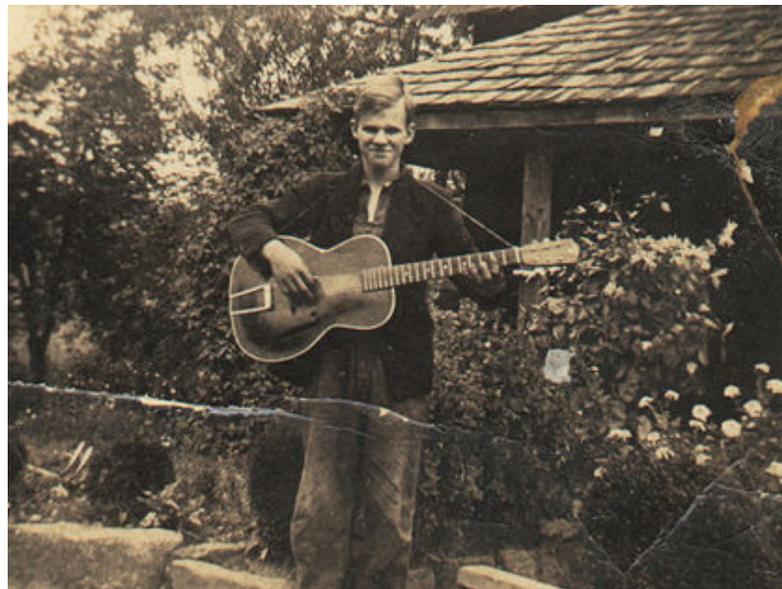
seu pai oferecido uma guitarra aos 12, cedo se tornou um conhecido músico tocando na rua com seu irmão Linny.

Aos 20 anos era já um profissional tendo, em 1947, casado com Rosa Lee Carlton. O casal teve dois filhos, Nancy Ellen e Eddy Merle (que viria igualmente a ser reconhecido guitarrista, morrendo tragicamente num acidente em 1985).

Segundo o próprio narra, o sobrenome Doc terá surgido durante um espectáculo em que o apresentador se queixava da dificuldade de pronunciar correctamente Arthel e um fã da assistência gritou “Chamem-lhe Doc!”. A sugestão foi aceite e o nome Doc Watson tornou-se definitivo.

Além de exímio guitarrista, Doc Watson é igualmente um virtuoso do

O jovem Doc Watson junto à casa dos seus pais



banjo e, com a sua suave e inconfundível voz de barítono, é intérprete de um imenso repertório onde se cruzam temas tradicionais com composições próprias.

O filme que será apresentado (com título que faz referência aos dois estilos que celebrizaram o músico) é uma antologia de numerosos concertos de Watson, a solo, com o trio constituído por seu filho Merle e o baixista Michael Copeland, em dueto com o bandolim de David Grisman, entre outros.

Arthel (Doc) Watson was born in 1923. A serious eye infection blinded him in his first year, but early in life his talent was evident, playing banjo at five years old. He was given a guitar at the age of 12, and began playing on the streets. By

20 he was professional. He says that his nickname Doc arose when an MC was unable to pronounce the name Arthel and a fan shouted out “Call him Doc!”.

Watson is a consummate guitarist and banjo virtuoso. He has an unmistakable baritone voice, and a huge repertoire of traditional and self-penned songs.

This film is an anthology of several Doc Watson concerts, either solo, with his son Merle and bassist Michael Copeland, or duetting with David Grisman.

Tony Trischka

Double Banjo

Bluegrass

Spectacular

Ciclo Hootenanny

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Desde que em 1963 aprendeu a tocar banjo, inspirado pelo célebre Kingston Trio, Tony Trischka já tocou todos os géneros da música popular norte-americana, do *folk* e do *bluegrass* – de Pete Seeger a Vassar Clements, de Earl Scruggs a Nancy Griffith – do jazz e do rock – de Ornette Coleman ou Bill Evans a Bruce Springsteen – ou ainda outras lendas como Bill Monroe, David Grisman, Tom Paxton, Alison Kraus, Sam Bush.

Tony Trischka, considerado um dos mais notáveis virtuosos da história do banjo, é também um estudioso e inovador de um instrumento sobre o qual tem vasta obra pedagógica publicada (foi,

aliás, professor de outro nome central do banjo, Bella Fleck, e habitual animador de cursos e *workshops*). Licenciado em Belas Artes pela Universidade de Syracuse (Nova Iorque), é igualmente uma presença regular no teatro, cinema e televisão como autor de bandas sonoras de filmes e séries. Nas suas múltiplas actividades incluem-se ainda livros com recolhas de repertório para banjo, colaboração regular em publicações como *Sing Out!*, *Acoustic Musician* e *Bluegrass Unlimited* e notas para discos (Bela Fleck, Alison Kraus).

Em 1980, após integrar e gravar com diversos grupos e registar dois álbuns a solo, Tony Trischka promoveu a constituição de Skyline com o qual realizou digressões em numerosos países e gravou quatro álbuns.

© Gregory Heisler



Após nova formação, Psychograss, em Janeiro de 2007 Tony Trischka gravou um álbum que viria a ser considerado histórico, *Double Banjo Bluegrass Spectacular*, no qual participam muitos dos grandes nomes do *bluegrass* e da *folk*. A gravação daria origem a uma digressão que se prolongou até agora no mesmo espírito de um espectáculo com numerosos convidados e um vasto e variado repertório que encerrará a primeira edição do Hootenanny.

Since he learnt banjo in 1963, Tony Trischka has played all forms of folk – from Pete Seeger to Vassar Clements, Earl Scruggs to Nancy Griffith, Ornette Coleman to Bruce Springsteen, and much more. He is one of the greatest ever banjo virtuosos and is a great inno-

vator and teacher (he taught another great banjo player, Béla Fleck).

He has also written numerous soundtracks for theatre, film and TV. He has recorded several solo and group albums, including with Skyline, which he formed in 1980.

In 2007 he recorded a historic album, *Double Banjo Bluegrass Spectacular*, involving some of the greats of bluegrass and folk. The resulting tour is still running, and will round off this first Hootenanny.

O Fulgor da Grécia: o olhar, a palavra, o gesto

Por José Pedro Serra

SALA 2 · 18h30

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

4 de Fevereiro

Homero ou o canto da vida heróica

11 de Fevereiro

No espelho da tragédia

18 de Fevereiro

Dioniso: Sol negro entre os olímpicos

25 de Fevereiro

Ao tear do tempo: Atenas e Jerusalém

Mais do que fórmula literária, a “Aurora de dedos róseos” é verdade poética no seio da qual está uma intensa experiência de luz, ou do desejo dela. O surgimento dos seres, emergindo do fundo caótico da noite indistinta e revelando-se à luz da “Filha da manhã”, constitui radical momento de espanto por alguma coisa ‘ser’. Este desejo de luz e de ‘ser’, pela madrugada anunciado, manifestou-se no vocabulário onde a clareza da

apreensão intelectual é entendida como o prolongamento inteligível da clara percepção sensível.

Nessa espantada visão colhe-se, gloriosa e inquietante, a heróica vocação do homem, frágil sopro à morte destinado, mas nobre e grande na palavra desenhada. A epopeia grega marca um ritmo primeiro do humano habitar a terra, canto de que nunca nos afastamos inteiramente.

O gesto épico, porém, torna-se sobressaltado espectador de si próprio, e a total coincidência do herói com o acto realizado acrescenta-se em distância crítica, ‘re-flexão’. A epopeia floresce em tragédia. Constrangido pela Necessidade, enredado em conflitos, culpado e inocente, assim se interroga o homem sobre si, sobre ‘quem’ é, voz da Esfinge que não deixa de nos ferir. E essa demanda não pode esquecer Dioniso, a luz sombria do ‘delírio’.

E se estes são fios com que vamos tecendo o nosso histórico caminho, oportuno é questionarmo-nos sobre o



modo como os gregos viviam o tempo e percebiam a história. José Pedro Serra

José Pedro Serra é Doutor em Cultura Clássica pela Universidade de Lisboa e docente do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, onde tem leccionado disciplinas na área do Grego, da Literatura Grega, do Teatro Antigo e da Cultura Clássica. Integra o Centro de Estudos Clássicos, onde coordena a linha de investigação sobre literatura e cultura gregas. Autor de várias conferências e artigos no âmbito da Filosofia, da Literatura e da Cultura Clássica, publicou *Pensar o trágico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Prémio PEN Clube e Prémio Jacinto do Prado Coelho).

More than a literary form, “Dawn with her rose-red fingers” embodies an intense experience of light. Emergence from the night is a fundamental moment: the desire for the light of dawn. Man’s heroic vocation, fragile yet noble and great, exists within this vision. The Greek age set a rhythm; one from which we are never free. The acme of Greek literature was tragedy: constrained by need, enmeshed in conflict, Man questions himself.

José Pedro Serra is a doctor of classical culture, teaching Greek, Greek literature, ancient theatre and classical culture at Lisbon University, and coordinating research into Greek literature and culture.

DANÇA FEVEREIRO DE TER 10 A SEX 13

Barulhada

De Tânia Carvalho

PEQUENO AUDITÓRIO

10h30 (dias 10, 11, 12 e 13) 14h30 (dia 12)

Duração: 20 min · Dos 5 aos 10 anos
€2 (preço único)

Coreografia Tânia Carvalho **Intérpretes** Maria João Rodrigues, Bruna Carvalho, José Iglesias

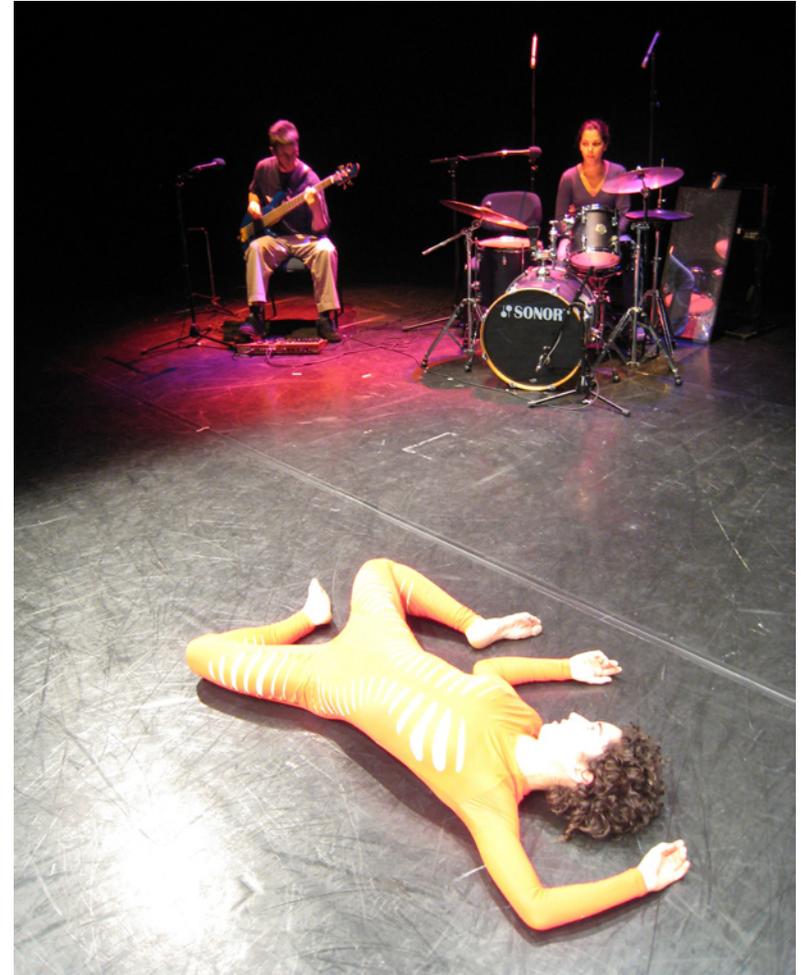
Música Bruna Carvalho, José Iglésias

Figurinos Aleksandar Protich **Produção** Bomba Suicida **Co-produção** Teatro Camões

Barulhada é uma peça criada para uma bailarina e dois músicos – uma baterista e um baixista. A peça consiste numa bailarina que faz barulho com o corpo, ou seja, conforme ela se mexe, cada movimento dá origem a um som específico, o que faz com que o corpo dela faça música. Criou-se como que uma ilusão, mas uma ilusão destapada, pois os músicos tocam ao vivo e podemos ver que não é o corpo da bailarina que faz barulho, mas sim os instrumentos dos

músicos. Desta forma também podemos observar como os músicos e a bailarina trabalham a coordenação e a exactidão, para que tudo possa funcionar, para que possamos imaginar e quase acreditar que é o corpo da bailarina que faz o som.

Barulhada is a play for a dancer, drummer and bassist. The dancer makes noise with her body – in other words, as she moves those movements result in a specific sound. The idea is to create an illusion, because the musicians are playing live and it is plain to see that it is not the dancer's body that is making the noise, but rather the musicians' instruments. The musicians and dancer also have to coordinate what they do and act precisely, in order to make everything work, so that one can imagine and almost believe that it is the dancer's body that making the sound.



Vice-Royale. Vain-Royale. Vile-Royale

De Sónia Baptista

GRANDE AUDITÓRIO (lot. reduzida)
21h30 Duração aprox. 50 min · M12
€15 · Jovens até aos 30 anos: €5

Direção, concepção, textos Sónia Baptista
Filme e vídeo Rui Ribeiro **Colaboração** Jorge Gomes, Micaela Fonseca **Música original** Alex Alves Tolkmitt **Desenho de luz** Pedro Machado
Intérpretes Sónia Baptista, Rogério Nuno Costa **Designer** Nuno Coelho **Figurinos e adereços** Sónia Baptista **Produção executiva** João Lemos
Produção Prado **Co-produção** Culturgest (PT), Buda (BE) **Apoios** WpZimmer (BE), Instituto dos Museus e da Conservação, Palácio Nacional de Queluz, Instituto Camões, O Espaço do Tempo, Kodak, S8 Reversal Lab (NL), Smiling, Teatro Extremo, Crice **Projecto financiado por** Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes

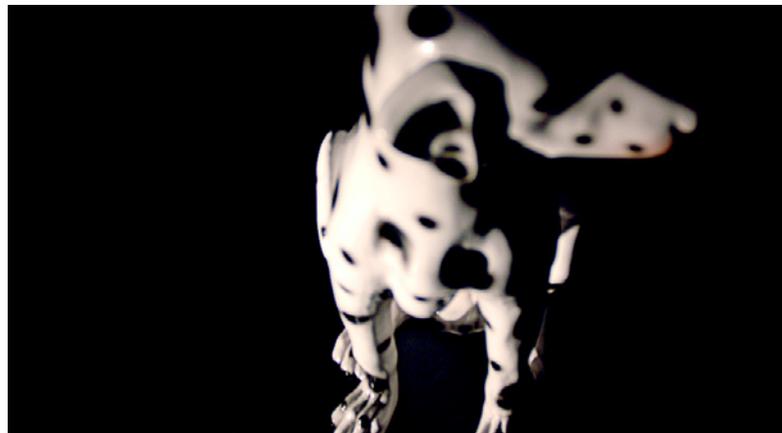
Vice-Royale. Vain-Royale. Vile-Royale, é um tríptico. Uma *performance* que convoca as linguagens conceptuais e emocionais da dança, do cinema, da música e da poesia. Um espectáculo que

apresenta e representa três personagens femininas deslocadas e desditosas numa sugestão de terras e tempos distantes.

Digamos que te encontraste numa altura em que o teu país dizia ter um pouquinho da China, um pouco mais da Índia, muito de África e professava o Brasil como um paraíso fraternal. Imagina que nessas terras distantes vivias em profunda angústia, tentando em vão domesticar o exótico. Digamos que o exótico não podia ser domesticado. Então, imagina que em solo estranho e hostil tentaste realmente manter a tua dignidade, mas a cada tentativa falhaste redondamente.

Como é que vives então? Como é que manténs a sorte do teu lado? Como é que ocupas esse tempo malogrado?

Digamos que és uma mulher a viver algum tempo antes de a Jane Austen nascer. E, ironia, horror, digamos que sabes que a Jane Austen está quase aí e que com ela as mulheres terão uma voz



de poderosa substância, vingando anos de envergonhado e amoraçado silêncio, mas tudo isso não no teu tempo. Sim, sabes que ela aí vem, e sabes bem o que isso implica mas para ti, em vão, a tua vida fica.

Como é que vives então? Como é que manténs a sorte do teu lado? Como é que ocupas esse tempo malogrado?

Imagina que és notoriamente conhecida como uma fumegante e tentadora criatura. Imagina que desde sempre isso te foi imposto e que não tiveste outra escolha senão a de cumprir desditosamente o teu papel. Mas imagina que no fundo do teu tímido coração o que tu és honestamente é uma refrigerante e decorosa criatura com indizíveis paixões a povoar um escuro berrante. E imagina que para ti o desejo é tão somente e só uma *bête noire* desconcertante.

Como é que vives então? Como é que manténs a sorte do teu lado? Como é que ocupas esse tempo malogrado?

Sónia Baptista

Vice-Royale. Vain-Royale. Vile-Royale is a triptych: a performance representing 3 displaced women summoning the conceptual and emotional languages of dance, film, music and poetry.

Let's say your country claimed to have bits of China, India and Africa, with Brazil as a brotherly paradise. In those foreign lands you tried, in vain, to tame the exotic. What do you do then? How do you survive? How do you occupy your wretched time?

Let's say you were living some time before Jane Austen was born yet you know she will give women a soulful voice, but not on your time. What do you do then? How do you survive? How do you occupy your wretched time?

Imagine you are seen as a smouldering tempting vixen. You have to play the part but for you desire is just a bête noire. What do you do then? How do you survive? How do you occupy your wretched time?

Sónia Baptista

Fases do Minimalismo À Volta de Steve Reich

Drumming – Grupo de Percussão
Concerto comentado por Luís Tinoco

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 11h00

Duração aproximada: 1h20 min · M6

€2,5 (preço único) · Para este concerto a bilheteira abre das 10h às 11h, retomando o horário normal às 14h.

Percussão Miquel Bernat, Nuno Aroso

Programa

Kevin Volans *She Who Sleeps in a Small Blanket*

Steve Reich *Marimba Phase; Clapping Music*

John Kline *Hammer, Anvil, Stirrups*

Michael Gordon *XY*

Steve Reich *Nagoya Marimba*

Repetições, fracções, cânones, células, o primarismo da matéria, suas memórias. Prolixidades sobre o silêncio, manipulações subtis de acontecimentos estendidos no tempo, sabores harmónicos de mudança. Ritmo, pulso, tempo. Percepção hipnótica pela insistência,

resultados rítmicos irracionais, desfazamentos, encontros...

A complexidade das fases, a força de uma linguagem repetitiva, que faz do seu processo a sua forma.

O minimalismo, sobretudo na música para percussão, tem como figura icónica e incontornável, Steve Reich. Foi de facto com esse compositor que este filão tão importante na música americana, cresceu no sentido de, mais do que uma tendência, se tornar uma corrente. Certo é que não podemos excluir compositores como Terry Riley, Phillip Glass, ou mesmo La Monte Young, a quem se costuma atribuir o título de pioneiro na assunção da corrente. Mas Steve Reich, indo mais longe, aprofundou e criou com a percussão, quiçá pela sua formação de percussionista, e pela forte influência que teve em si a percussão tradicional do Gana, em África, uma relação mais íntima. A percussão na sua riqueza e multiplicidade, talvez tenha servido a



Reich como um 'quase laboratório' de exploração rítmica, tímbrica, e da pureza da forma. A peça *Drumming*, um ícone do minimalismo e simultaneamente da música para percussão, é deste estreito laço um exemplo.

Em *Fases do Minimalismo – À volta de Steve Reich*, faz-se uma panorâmica do presente, passado, e de alguma forma aponta-se e adivinham-se linhas futuras para esta corrente. Tocam-se três obras fundamentais e emblemáticas do compositor nova-iorquino, figura central do programa, que alternam com trabalhos dos também reconhecidos e mais jovens compositores de tendência minimalista, os norte-americanos Michael Gordon e John Kline com as suas obras *XY* e *Hammer, Anvil, Stirrups*, e com a peça *She Who Sleeps With a Small Blanket* do músico sul-africano Kevin Volans. Estes compositores apresentam-se aqui como uma projecção do que poderá vir a ser uma nova vaga do pensamento minimalista, de um novo caminho, de uma nova visão ou de outros trilhos deixados

definitivamente em aberto por Reich, perpetuando assim os seus esforços criativos e dando renovado sentido ao seu legado.

Steve Reich is the iconic figure of minimalist percussion. Of course, one can never overlook writers such as Terry Riley, Phillip Glass and La Monte Young. But Reich goes further, perhaps because he is influenced by the percussion traditions of Ghana. Percussion has served almost as a laboratory for his exploration of rhythm, timbre and purity of form. *Drumming* is an icon of minimalism.

This event looks at the present and past, and tries to see the future of this movement. Three essential Reich works will be performed, alternating with works by younger minimalist composers Michael Gordon and John Kline, and a piece by South African composer Kevin Volans.

Imaginário

André Fernandes

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M12

€15 · Jovens até aos 30 anos: €5

Guitarra André Fernandes

Piano Mário Laginha **Contrabaixo** Nelson

Cascais **Bateria** Alexandre Frazão

Músicos convidados: **Fender rhodes** Bernardo Sassetti

Turntable, sampler, efeitos DJ Ride

Algumas vezes questiono-me de onde vem a inspiração. De onde vêm as ideias, porque decido escrever ou tocar uma nota e não outra.

Uma coisa é certa: sempre que tento controlar esse discurso que parece surgir do nada (e que quando me parece saber de onde vem, perde o encanto), a fluidez perde-se e o discurso ganha um peso desconfortável. Parece-me que a

música vive num espaço próprio que se abre a quem a ela se dá num momento.

No entanto, é o imaginário de cada um que determina o que essa inspiração representa e de que forma se manifesta. E isso é que me fascina.

Assistir à abertura de pequenas 'janelas' sobre o imaginário de cada artista, e como a sua expressão se integra no imaginário de quem ouve.

A música de hoje é, como toda a minha música, uma janela sobre o meu imaginário.

E ao ser tocada pelo Mário, Nelson, Alex, Bernardo e Ride, poderei convosco vislumbrar um pouco do imaginário destes músicos únicos.

André Fernandes

© Renato Nunes



Com o disco *Cubo*, editado em 2007, o guitarrista André Fernandes entrou definitivamente para a galeria dos grandes músicos de jazz em Portugal. O convite da Culturgest para a realização deste concerto serviu de pretexto para a gravação de um conjunto de temas originais que integram um novo CD, *Imaginário*, que hoje é dado a conhecer ao vivo, pela primeira vez.

"Sometimes I wonder where the inspiration comes from... Why do I decide to write or play one note and not another. One thing is certain: whenever I try to control it, the fluidity is lost... However, it is each person's imagination that decides what that inspiration represents... That's what fascinates me. Today's music... is a window into my imagination."

With his 2007 *Cubo* CD, guitarist André Fernandes emerged as one of Portugal's great jazz musicians. Culturgest invited him to play this concert, and that in turn led to the recording of several original tracks for a new CD, *Imaginário*, here being played live for the first time.

Zoetrope

Rui Horta / Micro Audio Waves

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

Concepção cénica, direcção artística, desenho de luz e multimédia Rui Horta **Música original** Micro Audio Waves **Vídeo** Edgar Alberto **Criação e operação de multimédia** Rui Madeira e Guilherme Martins **Intérpretes** Micro Audio Waves:
Voz, efeitos Cláudia Efe **Programações, teclados** C.Morg. **Guitarra, teclados, programações** Flak **Baixo, programações** Francisco Rebelo **Direcção técnica e operação de luz** Luís Bombico **Operação de som** Filipe Lourenço **Roadie** Hugo Santos **Co-produtores** Culturgest – Lisboa, Espaço do Tempo – Montemor-o-Novo, Laboral Escena – Gijón, Teatro Nacional São João – Porto, Teatro Virgínia – Torres Novas **Produção** Lado B

Rui Horta e os Micro Audio Waves lançam-se na aventura de criar um espectáculo em conjunto, sob a forma de um concerto encenado, um híbrido entre música, movimento e multimédia. Um encontro que se adivinha orgânico quando nos apercebemos do universo musical destes criadores, bem como dos interesses performativos que partilham.

A música pop-electrónica dos Micro Audio Waves nunca se afastou da expe-

rimentação, oscilando entre um som contagiante e íntimo. O resultado do encontro com Rui Horta levará seguramente mais longe as premissas de procura e de intervenção, assumindo sem complexos a comunicação subjacente à própria ideia de concerto ao vivo. Se o universo de Rui Horta é o do movimento e de um espaço cénico ousado e imprevisível, nada mais lógico do que aceitar a provocação do encontro e a curiosidade da descoberta.

Um ano para criar um 'todo-o-terreno' performativo, um ano para criar músicas, poesias, imagens e uma lógica não convencional de negociar com o público e investir na sala de espectáculos.

Rui Horta começou a dançar no Ballet Gulbenkian. Depois de trabalhar vários anos em Nova Iorque, regressou a Portugal, onde dirigiu a Companhia de Dança de Lisboa com a qual se apresentou em digressão pela Europa. Fundou a S.O.A.P., no Künstlerhaus Mousonturm, em Frankfurt, criando programas que circularam em digressão por todo o mundo. Diversas vezes premiado, professor e formador nas melhores escolas estrangeiras, foi coreógrafo residente em Munique. Algumas das suas coreografias fazem parte do repertório de várias



companhias de renome. Regressou a Portugal em 2000 para fundar em Montemor-o-Novo O Espaço do Tempo um centro multidisciplinar de pesquisa e criação. Paralelamente, mantém uma actividade criativa.

Os Micro Audio Waves são uma das bandas portuguesas mais importantes do momento e comungam de uma tendência global que não gosta de limitar a sua criatividade com rótulos, preferindo investigar a possibilidade de os baralhar. Gravaram três álbuns, *Micro Audio Waves*, *No Waves* e *Odd Size Baggage*. Foi o segundo álbum que lançou internacionalmente a banda, recebendo excelentes críticas. Fizeram digressões por vários importantes festivais europeus e foram nomeados duas vezes para os Quartz Awards, recebendo os prémios de melhor álbum, melhor vídeo clip e melhor música.

Rui Horta and Micro Audio Waves have put together a hybrid concert of music, movement and multimedia. Micro Audio Waves' electronic pop has always included experimentation. Teaming up with Horta from the world of theatre, movement and stage is bound to take things even further.

Horta began dancing with the Gulbenkian Ballet. After working in New York he returned to Portugal to run the Companhia de Dança de Lisboa. He also founded S.O.A.P. in Frankfurt, and its shows toured the world.

Micro Audio Waves are one Portugal's top bands and are hard to label. They have recorded three CDs, the second giving them their international break. They have twice been nominated for Quartz Awards.

Bal Moderne

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

Das 16h00 às 20h00

Duração: 4h00 · M12 · €5 (preço único)

Bal Moderne (Baile Moderno) é uma produção ARENA baseada numa ideia de Michel Reilhac

O Bal Moderne volta à Culturgest depois de aqui ter estado em 2005 e 2006 com enorme sucesso.

Três danças de aproximadamente 3 minutos cada, especialmente concebidas por coreógrafos consagrados ou que agora se revelam, são ensinadas ao público num Baile. Cada dança aprende-se em 45 minutos, num ambiente agradável e festivo, totalmente oposto ao de uma lição de dança convencional e mais descontraído do que o de uma discoteca da moda.

Nem a idade, nem o jeito para dançar são obstáculo ao prazer de participar no Baile. A mistura equilibrada das diferen-

tes danças propostas durante a *matiné* permite que toda a gente encontre aquela que tem mais a ver consigo. As coreografias são concebidas para não excluir ninguém, nem mesmo aqueles que venham sem par ou que achem que não têm jeito para dançar. Mas as crianças pequenas não devem vir. A experiência de outros anos demonstrou que não se divertem e atrapalham os mais velhos. Por isso limitamos a participação a maiores de 12 anos.

Não há nenhuma noção de espetáculo no Bal Moderne. O importante não é ser melhor do que o outro, mas participar. A finalidade é dançar em conjunto numa atmosfera em que predomina o calor humano, a entreajuda, o divertimento.

Algumas pessoas são recrutadas para ajudar. Como aprenderam as danças antes, servem de referência visual para o público.

O Baile é animado por um DJ. Entre



cada sessão de 45 minutos há uma pausa de 15 minutos. Tempo para dançar 'livremente', ou para descansar, conversar ou ir ao bar tomar qualquer coisa. Depois de aprendidas as três coreografias o baile prossegue. O DJ põe música, as pessoas dançam como querem. De vez em quando volta-se às coreografias que foram aprendidas.

Bal Moderne returns to Culturgest, having been a big hit in 2005 and 2006.

Participants will be taught three dances, each of about three minutes. Each one can be learnt in 45 minutes, and the atmosphere is festive, unlike a normal dance lesson.

Age and skill are no obstacle, and the different dances mean that there is something for everyone. They are

designed to leave nobody out, even those who think they cannot dance. But it is not ideal for small children, so only over-12s will be admitted.

The idea is not to be the best, but to join in and dance in a fun atmosphere. Some people are recruited to help out by being taught the dances beforehand. The event involves two sessions broken by a 15-minute pause.

Atenção: a lotação é limitada a 150 pessoas. São as que cabem no palco do nosso Grande Auditório de forma a terem espaço para dançar (às vezes um bocadinho apertado, depende das coreografias). Por isso, se não quer perder este Baile, deve comprar o seu bilhete o mais depressa possível.

Gianluca Petrella

Indigo 4

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€15 · Jovens até aos 30 anos: €5

Trombone Gianluca Petrella

Saxofone tenor e clarinete Francesco Bearzatti

Contrabaixo Paolino dalla Porta

Bateria Fabio Accardi

A primeira vez que Gianluca Petrella esteve na Culturgest foi em Janeiro de 2005, integrado no quinteto de Enrico Rava, num concerto memorável. Deu nas vistas quer pela qualidade da sua música, quer pela forma extrovertida com que actua em palco.

Em Janeiro de 2007, esteve anunciado um concerto com o grupo que lidera, Indigo 4, que foi cancelado por razões de saúde de sua mulher.

Vem agora, finalmente, com a sua banda. O concerto baseia-se no segundo CD que editaram na Blue Note, *Kaleido*.

Aos 33 anos, Petrella é um dos grandes trombonistas do jazz actual. Para além de colaborar regularmente com Enrico Rava, tocou e/ou gravou com grandes nomes como Steve Swallow, Jimmy Owens, Greg Osby, Carla Bley, Steve Coleman, Lester Bowie, Pat Metheny, John Abercrombie, Aldo Romano, Roberto Gato, Gianluca Trovesi, entre muitos outros. Apresentou-se ainda em salas de grande prestígio e nos mais famosos festivais do mundo.

Em 2001 foi eleito, numa votação promovida pela revista italiana *Musica Jazz*, como melhor 'novo talento nacional'. Nesse mesmo ano recebeu o Django d'Or, como melhor 'novo talento' euro-



peu. Em 2005, novamente na escolha promovida pela *Musica Jazz*, foi considerado músico do ano. Em 2006 e 2007, foi colocado pela famosa votação de críticos da Revista *Down Beat*, como primeiro na lista dos talentos emergentes (*rising star*), distinção que nunca tinha sido atribuída a um músico italiano.

Petrella é um *jazzman* superlativo, que domina como ninguém o seu instrumento e que concilia, com uma imaginação poderosa e um apurado sentido de medida, elementos do jazz 'clássico' e contemporâneo.

Gianluca Petrella first performed at Culturgest in 2005 as part of Enrico Rava's quintet, standing out both for his playing and his exuberance. He was due to play again in 2007 but had to cancel

owing to his wife's health. But now he is here with his band, Indigo 4, with a show based on their second Blue Note CD, *Kaleido*.

At 33 he is one of today's great jazz trombonists. As well as working with Rava, he has played and/or recorded with Steve Swallow, Jimmy Owens, Greg Osby, Carla Bley, Steve Coleman, Pat Metheny and many others.

He was voted best 'new domestic talent' by Italy's *Musica Jazz* in 2001 - the first of several awards. He is a superlative and masterful jazzman, and highly imaginative.

A Moeda Viva

Por Rui Trindade

PEQUENO AUDITÓRIO · 18h30

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

3 de Março

Dias de Glória

A celebridade como padrão-ouro do capitalismo ficcional

17 de Março

Investimentos SA

Dinheiro & Afectos

24 de Março

O cansaço de mim

O capitalismo: da culpa à depressão

31 de Março

Trocos & Trocas

A monetarização da vida quotidiana

Em 1970, Pierre Klossowski – cujo pensamento influenciou intelectuais tão diversos como Georges Bataille, Gilles Deleuze ou Jean-François Lyotard – publicou um pequeno livro, delicado e intenso, a que chamou *A Moeda Viva*.

O livro é uma espécie de fábula, misturando registos diversos, e seduz pela formulação condensada que faz de muitas das ideias de Klossowski,

nomeadamente no que toca à visão das sociedades como estruturas cuja economia assenta não em bens materiais, mas em investimentos pulsionais e afectivos, que se transfiguram e interligam no corpo social.

Este conjunto de conferências toma como ponto de partida a ‘fábula’ de Klossowski para reflectir sobre algumas dimensões da nossa contemporaneidade, em especial sobre aquelas que, nesta fase de desmaterialização do capitalismo, prefiguram relações e vivências cujos contornos parecem ecoar, à distância, o pensamento de Klossowski.

Começaremos por abordar a questão da ‘celebridade’ nos nossos dias enquanto espelho de uma economia ‘sem valores’, cuja ‘moeda forte’ se traduz na capacidade de produzir ‘mais-valias’ de notoriedade e, assim, incrementar retornos.

Olharemos de seguida para os estudos que têm sido realizados sobre o modo como é hoje gerida a ‘vivência’ do dinheiro, isto é, as emoções, os afectos e as representações que emergem num mundo dominado pela monetarização do quotidiano.

Esta questão liga-se, por seu turno,



à própria evolução do capitalismo no século XX. Não é por acaso que a ‘depressão’ se tornou na grande epidemia ‘pós-moderna’. O que aqui se propõe é uma viagem pelo século XX que mostre como os ‘modos de vida’ e a organização económica e social passaram de uma norma assente na culpabilidade e na disciplina para uma outra em que, perante o desaparecimento das ‘grandes narrativas’ ideológicas, cada um é suposto tratar de si. Para aqueles que não suportam o fardo de construir a sua própria ‘narrativa’ a alternativa é o colapso, a depressão.

Finalmente, tentaremos averiguar que espaço sobra para o dom e a dádiva nas nossas sociedades ‘utilitárias’.

Rui Trindade

Rui Trindade nasceu em Lisboa, em 1954. Formado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,

tem trabalhado sobretudo na área da Comunicação quer no jornalismo, quer na produção de eventos.

In 1970, Pierre Klossowski published a book called *La Monnaie Vivante: a fable* condensing his thoughts on societies based not on material goods, but rather on emotion.

These talks take his fable as a starting point for reflection on today’s society, especially where it echoes his thought: firstly the economics of celebrity; then how emotion and affection arise in a money-based world. We will see how in the 20th century we moved from a situation of responsibility to one where everyone looked after himself. Finally we will look at whether there is room for giving in our societies.

Rui Trindade studied history at Lisbon University and has worked as a journalist and in event production.

Dual Identity

Ciclo ISTO É JAZZ?

Comissário: Pedro Costa

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h00 · M12 · €5 (preço único)

Saxofone alto Steve Lehman Saxofone alto Rudresh Mahanathappa Guitarra Liberty Ellman
Contrabaixo Matt Brewer Bateria Damion Reid

O quinteto Dual Identity é dirigido por Rudresh Mahanathappa e Steve Lehman, ambos líderes dos seus próprios grupos, com enorme notabilidade internacional, e ambos votados como *Rising Stars of the Alto Saxophone* pelos críticos internacionais da revista *Downbeat*. Steve e Rudresh são reconhecidos como as mais importantes novas figuras do saxofone alto. Os Dual Identity são um grupo de jovens estrelas do jazz contemporâneo nova-iorquino que define muitos dos novos caminhos do jazz numa inteligente ligação entre composição e improvisação. Estilisticamente pode-se dizer que beberam muito no *M-Base* de Greg Osby e Steve Coleman, juntando-lhe modernidade e um forte cunho pessoal.

Steve Lehman é um saxofonista e compositor que trabalha na fronteira com a música contemporânea. É reconhecido como uma das vozes originais do novo jazz. Foi estudante

de Jackie McLean e Anthony Braxton, tocou e gravou nos Estados Unidos e na Europa com os seus próprios grupos mas também ao lado de músicos como Anthony Braxton, Dave Burrell, Mark Dresser, entre muitos outros. Steve viu composições suas para grande orquestra e grupos de câmara serem interpretadas pela Janacek Philharmonic, membros do International Contemporary Ensemble (ICE), Ensemble 21 e Ensemble Sospeso, e ainda pela pianista Marilyn Nonken.

Rudresh Mahanathappa incorporou com muito talento elementos da sua ancestralidade indiana, fundindo-os com uma miríade de outras influências e criando uma visão musical única. É muito normal verem-se os seus discos nas listas dos melhores do ano, desde 2005, em revistas como *Village Voice*, *Jazztimes*, *Downbeat*, *Jazz.pt*, *Jazzwise*, *Jazzman* (onde alcançou o Choc de L'Année - disco do ano - em 2007 com o álbum *Codebook*).

Apesar das suas gravações como líder e do seu trabalho ao lado de inúmeras figuras de proa do novo jazz, o guitarrista Liberty Ellman afirmou-se como figura proeminente no seu instrumento como *sideman* de uma das mais ilustres e originais formações de Jazz dos



últimos anos, o Henry Threadgill's Zoid. Tocou e gravou desde 2001 ao lado de nomes como Greg Osby, Vijay Iyer e Josh Roseman, sendo *Ophiuchus Butterfly* (2006) o seu mais recente trabalho.

Desde que chegou a Nova Iorque em 2001, Matt Brewer emergiu como um dos mais requisitados contrabaixistas da sua geração, atingindo grande notoriedade a partir do momento em que começou a fazer parte dos grupos de Greg Osby (Trio e Quarteto), com gravações para a Blue Note. Desde então tem tocado e gravado ao lado de Lee Konitz, Jeff 'Tain' Watts e Gonzalo Rubalcaba, entre outros.

O baterista Damion Reid é também um dos nomes em ascensão da cena nova iorquina, tendo tocado nos Estados Unidos, Europa e Japão nos grupos liderados por Ravi Coltrane, Terence Blanchard, Jacky Terrasson, Greg Osby, Reggie Workman, Jason Moran e ainda

Robert Glasper, com quem gravou dois trabalhos para a Blue Note, *Canvas* (2005) e *In My Element* (2007).

Dual Identity are led by Rudresh Mahanathappa and Steve Lehman, both voted Rising Stars of the Alto Saxophone by *Downbeat* magazine. They are alto saxophone's most important new faces. The group is forging much of jazz's future, and is strongly influenced by Greg Osby and Steve Coleman's *M-Base*.

Lehman was taught by Jackie McLean and Anthony Braxton and has worked with the likes of Anthony Braxton, Dave Burrell and Mark Dresser.

Mahanathappa includes Indian and other influences to create a unique sound. His CDs are often on 'best of the year' lists in *Village Voice*, *Jazztimes*, *Downbeat*, etc.. The group also includes guitarist Liberty Ellman, Matt Brewer on bass, and Damion Reid on drums.

A crueldade depois do teatro Os filmes de Angela Schanelec

Programação: André Dias

PEQUENO AUDITÓRIO

M12 · €3,5 (preço único)

Filmes legendados em português

Angela Schanelec é a voz mais singular do cinema alemão contemporâneo. Nascida em 1962 na Alemanha ocidental, estudou representação em Hamburgo e foi actriz em vários grupos de teatro importantes, como a Schaubühne de Berlim, até 1991. Desagradada com o modo de representação praticado, abandonou os palcos para voltar a estudar numa academia de cinema em Berlim – a dffb. Desde 1995, Schanelec escreveu e realizou as cinco longas metragens de ficção, exibidas nos festivais de Cannes, Veneza e Berlim, que compõem esta retrospectiva integral.

O cinema de Angela Schanelec define-se por uma atenção particular ao quotidiano das pessoas, em particular àqueles momentos em que elas reflectem sobre a sua vida. Não é, portanto, um cinema do mutismo. No seio de relações amorosas e familiares difíceis, as personagens

lutam com as palavras, expondo-se constantemente aos limites do que conseguem expressar. Talvez por isso raie a crueldade, se a entendermos como algo que não tem por fim magoar, mas que se esforça por fazer emergir a verdade. Numa sociedade que selecciona de forma tão descarada os seus “momentos da verdade”, Schanelec acolhe outros momentos plenos de subtilidade e segredo, que são o oposto da confissão pública e da falsa familiaridade com a verdade.

Muito belos plasticamente, de um cuidado extremo com a luz natural, fruto da duradoura parceria com o director de fotografia Reinhold Vorschneider, estes filmes têm também o seu quê de autobiográfico e mesmo de feminista. Neles, mulheres emancipadas buscam uma vida com sentido. Mas tal nasce de dentro, da intimidade, sem um discurso social que o justifique. De resto, é abstraído desse ambiente social, que daria as respostas em vez das pessoas, que estes filmes oferecem uma experiência emocional tão forte.

Angela Schanelec em *De Tarde*



A realizadora, a quem foi dada igualmente uma carta branca para uma sessão, estará presente para orientar um *workshop* e partilhar das impressões dos espectadores.

Angela Schanelec is the most singular voice in modern German film. She was born in 1962 and acted with several major theatre groups up to 1991. Dissatisfied, she left the stage to study at a Berlin film academy and has since written and directed five feature films.

Her films look at people's daily lives. They are beautiful works that make great use of natural lighting, thanks to the talents of director of photography Reinhold Vorschneider. They are also quite autobiographical and even feminist, with women seeking a life that makes sense. They generate strong emotions. Angela will also be running a workshop and sharing her views with film-goers. All of the films will be electronically subtitled in Portuguese.

Quinta 12, 21h30

A Sorte da Minha Irmã

Das Glück meiner Schwester, 1995, 35mm, 81'

Ao começo da noite, à saída de um parque da cidade, Ariane conversa com Christian enquanto aguardam pelo autocarro. Ariane receia ser deixada por ele, que se apaixonou pela sua irmã Isabel... Com a própria Angela Schanelec como Isabel, esta sua primeira longa metragem centra-se na passagem do tempo sobre um doloroso triângulo amoroso. Um filme também sobre o efeito do ruído urbano nas relações afectivas.

Sexta 13, 18h30

Primeiros filmes

Bela Cor Amarela/Schöne gelbe Farbe, 1991, 16mm, 5'; *Muito Longe/Weit entfernt*, 1992, 16mm, pb, 9'; *Praga, Março 92/Prag. März 92*, 1992, 16mm, 14'; *Passai o Verão em Berlim/Ich bin den Sommer über in Berlin geblieben*, 1993, 35mm, 49'

Realizadas no contexto escolar da dffb, estas primeiras curtas metragens, de natureza mais experimental, mostram a importância que o texto e a indagação dos lugares na cidade adquirirão na obra de Schanelec. Já a média metragem *Passei o Verão em Berlim*, que acompanha o percurso paralelo e acidentado de uma escritora e de um editor até ao seu encontro de final surpreendente, é uma obra portentosa em si mesma. Matriz de tudo o que estava para vir, não deixava dúvida alguma acerca da singularidade do seu gesto cinematográfico.

A realizadora falará no início da sessão sobre as suas influências e o seu percurso.

Marselha



Sexta 13, 21h30

Lugares nas Cidades

Plätze in Städten, 1998, 35mm, 117'
Mimmi, jovem de amores incertos e relação difícil com a mãe, termina o liceu. Durante uma excursão a Paris, conhece um rapaz e passa a noite com ele. Ao voltar à Alemanha descobre que está grávida. Volta para Paris, onde hesita longamente sobre o que fazer. Admirado por muitos como o melhor filme de Schanelec, é certamente um dos mais sinceramente bressonianos de todo o cinema contemporâneo. É também o que

menos investe na palavra para expressar as hesitações das personagens.

Sábado 14, 18h30

Carta branca a Angela Schanelec

Rainha de ouros / Queen of diamonds de Nina Menkes, 1991, 35mm, 77'
Revelou-se deveras surpreendente a escolha de Schanelec para a apresentação de um filme de outro autor. Em vez de uma influência reconhecível, uma realizadora sua contemporânea. Este filme da independente americana Nina Menkes, completamente desconhecida em Portugal apesar de um certo culto de que goza nos Estados Unidos, centra-se na vida alienada de uma empregada de casino em Las Vegas. Foi comparado por um crítico dos *Cahiers du Cinéma* a *Jeanne Dielman* de Chantal Akerman.

Sábado 14, 21h30

De Tarde

Nachmittag, 2007, 35mm, 97'
Um retrato de família e de pessoas aprisionadas em si próprias nas tardes de Verão de uma casa de lago. Entre a beleza lancinante da imagem e da representação e a crueldade que nelas se inscreve, a obra mais recente e extrema de Schanelec é uma adaptação livre d'*A gaiivota* de Tchekhov. A realizadora falará no início da sessão sobre os seus projectos e filmes mais recentes.

Domingo 15, 18h30

A Minha Vida Lenta

Mein langsames Leben, 2001, 35mm, 85'
Duas jovens mulheres sentadas num café, uma família que chega ao aeroporto, uma mulher mais velha

sentada sozinha num comboio, crianças adultas à espera em frente do hospital onde o seu pai está a morrer. Situações encontradas todos os dias, vezes sem conta. Uma tentativa de observar a vida de fora, em que a dispersão e a passagem entre personagens diferentes não impedem que se sinta a sutileza do que cada uma delas vive.

Domingo 15, 21h30

Marselha

Marseille, 2004, 35mm, 95'
Sophie, uma jovem fotógrafa, passa uma temporada em Marselha, atenta à cidade e aberta aos encontros simples. Quando retorna a Berlim fica imediatamente submersa pela sua antiga vida, pela sua paixão pelo marido da melhor amiga, uma actriz desesperada pela falta de talento. Sophie volta a Marselha... Um filme muito belo e com uma estrutura narrativa absolutamente invulgar e audaz.

Se te ouço, esqueço-me de mim

Workshop de direcção de actores com Angela Schanelec

De Quinta 12 a Domingo 15

Tendo uma perspectiva crítica da arte da representação, Schanelec, que toma como ponto de partida uma escrita extremamente detalhada dos diálogos, consegue trabalhar com os seus actores de modo inovador. Uma das razões estará na sua presença detrás e defronte da câmara. Esta circunstância especial servirá para explorar as dinâmicas do confronto simultâneo com o texto e com o plano cinematográfico. O *workshop* consistirá na adaptação aturada de uma única cena, escrita para um projecto futuro da própria realizadora. Terá, portanto, uma dimensão essencialmente

prática, mas permitindo a exposição das suas concepções. Embora não se pretenda a concretização de um objecto acabado nem explorar a componente técnica, requer-se aos participantes que preparem antecipadamente a cena e tragam como material mínimo uma câmara de vídeo.

Destina-se a equipas de 3 elementos com experiência relevante na realização e participação em filmes: 1 realizador(a), 1 actor e 1 actriz. Decorrerá na Culturgest, das 10h às 13h e das 14h às 17h, da tarde de Quinta à manhã de Domingo, num total previsto de 18 horas. Terá um custo individual de €150. As inscrições das equipas decorrem até 15 de Fevereiro, por correio, em mão na Bilheteira da Culturgest, ou através do endereço culturgest@cgd.pt, com a entrega dos seguintes dados: identificação dos elementos, com morada, telefone e endereço de email; carta de motivação colectiva; breve biografia criativa de cada elemento. A selecção das 5 equipas será da responsabilidade do programador, que avaliará a afinidade destes elementos sem fazer da experiência o critério essencial. Todos os concorrentes serão avisados do resultado da selecção. O pagamento da inscrição, na Bilheteira da Culturgest, terá de ser prévio ao início do *workshop*.

De Tarde



A Mãe

De Bertolt Brecht
Encenação de Gonçalo Amorim

GRANDE AUDITÓRIO

21h30 (dias 19, 20, e 21) 17h00 (dia 22)

Duração: 2h00 · M12

€12 · Jovens até aos 30 anos: €5

Título original *Die Mutter* (1931)

Tradução Lino Marques (*Teatro III* de Brecht, Livros Cotovia) **Encenação** Gonçalo Amorim **Pesquisa dramaturgica e apoio à direcção artística** Ana Bigotte Vieira **Cenografia** Rita Abreu

Figurinos e adereços Ana Limpinho e Maria João

Castelo **Tradução das canções** Pedro Boléo e

João Paulo Esteves da Silva **Músico** João

Paulo Esteves da Silva **Pesquisa e recolha**

musical Pedro Boléo **Sonoplasta** Sérgio Milhano

Movimento Vânia Rovisco **Desenho de luz** José

Manuel Rodrigues **Design gráfico** Rosa

Baptista **Produção** Mafalda Gouveia

Com Bruno Bravo, Carla Galvão, Carla

Maciel, Carloto Cotta, David Pereira

Bastos, Mónica Garnel, Paula Diogo,

Pedro Carmo, Raquel Castro e Romeu

Costa **Co-produção** Gonçalo Amorim,

Culturgest, Centro Cultural Vila Flor e

TEMPO – Teatro Municipal de Portimão

Apoio Primeiros Sintomas **Projecto financiado**

por Ministério da Cultura/Direcção-Geral

das Artes

Vamos imaginar uma guerra perpétua entre ricos e pobres. E no meio dessa guerra vamos seguir uma heroína: Pelagea Vlassova: *A Mãe* que já foi de Gorki e de Brecht, e que agora será nossa – *A Mãe* agora colocada num futuro próximo. Essa que escolhe de forma violenta lutar por um ideal que embala como se fosse um filho, um ideal mais importante que o próprio filho.

Sendo principalmente uma peça de interiores, *A Mãe* tem um forte eco do que vem do exterior, das ruas. Nesta encenação este eco é dado pela música e pelo vídeo. O espaço cénico trabalha a dicotomia peso/leveza, materializada na possibilidade de o ar ser um elemento cenográfico.

Num mundo de incertezas, esta é uma tentativa de apresentar provocações/soluções outras que nos façam questionar este caminho político único e difuso que, evidentemente, não nos serve. Enquanto artistas vemos *A Mãe* como uma possibilidade de reflectirmos sobre as ideologias, a família (à luz do “Drama familiar no teatro épico” de que nos fala Benjamin), a loucura, a



guerra... Uma possibilidade de começarmos desde já a pensar o futuro.

Gonçalo Amorim

Gonçalo Amorim nasceu em 1976 no Porto. É membro dos Primeiros Sintomas e cooperante do Teatro O Bando, com os quais tem desenvolvido grande parte da sua actividade teatral. Em 2007 ganhou *ex-aequo* o Prémio da Crítica pela encenação de *Foder e ir às compras* de Mark Ravenhill.

Imagine a perpetual war between the rich and poor. The heroine Pelagea Vlassova, is fighting for an ideal more important than her own child. Set mainly indoors, *The Mother* nevertheless echoes

the exterior – the street. In this production, that echo is provided by music and video.

In an uncertain world, it attempts to provoke and offer solutions, questioning a political direction that is not working. This play allows us to explore ideology, family, madness and war. And the future.

Gonçalo Amorim is a member and actor of O Bando and Primeiros Sintomas. In 2007 he won the critics' award for directing Mark Ravenhill's *Shopping and Fucking*.

Concerto para Maquinaria e Estados Líquidos

Canal Zero

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 50 min · M12 · €5 (preço único)

Composição e interpretação sonora, zaphoon, teclado, pequenas percussões, melódica, modelações analógicas, sampler e captações sonoras João Bento Composição e interpretação sonora, guitarra eléctrica, sampler e programação João Cabaço Composição de imagem em tempo real, som Rodolfo Pimenta Acompanhamento técnico, desenho de luz Pedro Fonseca

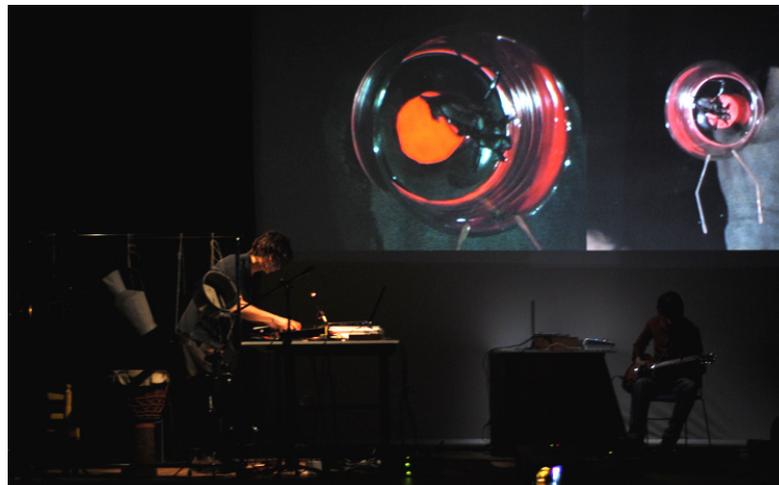
Projecto de fusão entre música electrónica e música acústica, que associa ao vivo a imagem em tempo real analógica, mostrando como são infinitos os limites e as potencialidades de duas artes – música e vídeo – quando cruzadas. Uma partilha de múltiplas situações através da manipulação de sons e imagens, criando ambientes que nos transportam para uma realidade (in)visível.

A música surge no contexto de quem se encontra a narrar uma história, através da conjugação de instrumentos analógicos e electrónicos. Fazem-se

viagens por entre paisagens sonoras que nos transportam a um vastíssimo mundo onde o encantatório encontra semelhanças com o real.

A imagem é utilizada como instrumento visual e sonoro. Recorrendo a uma mesa de luz, diversos materiais (maquinaria, sucata, tintas, entre outros) são expostos e transformados sobre um vidro, adquirindo diferentes formas e cores. Exploram-se sonoridades de mecanismos e transformam-se múltiplas matérias, que são visualizadas em palco, através de uma dupla projecção, que nos mostra uma dualidade óptica, pormenor/geral, criando a ilusão de uma só imagem.

Os três intérpretes tecem entre eles uma relação de continuidade, descontinuidade e deformação, permitindo assim que a imagem seja um elemento escultórico do som e o som uma composição da imagem. Uma viagem para ver, sentir, ouvir e imaginar.



O projecto Canal Zero da autoria de João Bento, João Cabaço e Rodolfo Pimenta dedica-se desde 2004 à pesquisa e experimentação sonora aliada à imagem.

Estreou-se nesse ano na sessão inaugural da 3ª edição da MONSTRA – Mostra Internacional de Cinema de Animação de Lisboa, com os primeiros cartoons do século, do realizador francês Emil Cohl e voltou a participar na edição seguinte do mesmo festival. Apresentou espectáculos a partir de filmes experimentais próprios e de outros criadores portugueses dentro e fora do país, designadamente em: Ó da Guarda – Festival de Novas Músicas, no Teatro Municipal da Guarda; CENTA (Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas), Tojeira; IMAGO – Festival internacional de Cinema e Vídeo Jovem, Fundão; Cines Casablanca, Barcelona; Stuttgart Film Winter, Estugarda;

Cinema Passos Manuel, Porto; Teatro Maria Matos, Lisboa, no âmbito do Festival Alkantara; First Festival, Caldas da Rainha; Super Stereo Demonstration, Linhares da Beira.

A fusion of electronic and acoustic music combining live performance and real-time analogue images. The music takes us on a journey through sound landscapes where the enchanted meets the real. Image is used as a visual and sound instrument. Various materials (machinery, scrap, paint, etc.) are transformed on glass, taking different shapes and colours. The three performers weave a continuous/discontinuous relationship, with the image as a sculptural element of sound, and sound a component of image.

João Bento and João Cabaço are responsible for Canal Zero, seeking to experiment with sound and image. It was first performed in 2004.

John Taylor

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Piano John Taylor **Baixo** Palle Danielsson

Bateria Martin France

John Taylor nasceu em Manchester em 1942, revelando-se ao público em 1969, quando tocou com os saxofonistas Alan Skidmore e John Surman. Na sua longa carreira – um crítico do sítio *All About Jazz* considera-o um dos mais importantes pianistas dos últimos quarenta anos – tocou com músicos como Roni Scott, Jan Garbarek, Enrico Rava, Gil Evans, Lee Konitz, Charlie Mariano e Maria Pia de Vito. Faz parte, regularmente, dos quartetos de Kenny Wheeler e John Surman e do trio de Peetr Eskine.

Para além de actuar e gravar a solo

(Taylor gravou mais de 80 discos, muitos dos quais para a editora ECM), foi líder de diversos grupos. O mais recente é o trio com que se apresenta na Culturgest.

Palle Danielsson é sem dúvida o mais conhecido contrabaixista sueco que tocou, entre muitos outros, com Bill Evans, Keith Jarrett (integrou o ‘quarteto europeu’ de Jarrett), Jan Garbarek ou Charle Lloyd. O jovem baterista inglês Martin France tem tido uma carreira fulgurante, actuando e gravando com, por exemplo, Kenny Wheeler, Ralph Towner, Lee Konitz, Dave Holland e Maria Schneider.

Este trio gravou dois discos para a Camjazz, *Angel of Presence* (2006) e *Whirlpool* (2007) e ambos foram recebidos com entusiasmo pela crítica. *Whirlpool*, que estará na base do concerto desta noite, foi distinguido, pela

© Peter Bastian



Jazz Magazine com o Disque d'émoi (que designa os discos com as melhores críticas da revista). Martin Cladu, no *All About Jazz*, escreveu “*Whirlpool* offers a good taste of contemporary jazz’s most brilliant musical minds” rematando, “Splendid!”. John Kelman, no mesmo sítio, chama-lhe uma obra estelar.

John Taylor was born in 1942 and gained a name in 1969 when playing with Alan Skidmore and John Surman. He is one of the most important pianists of the last 40 years, performing with Ronny Scott, Jan Garbarek, Enrico Rava, Gil Evans, Lee Konitz, Charlie Mariano and Kenny Wheeler.

As well as recording solo (over 80 albums), he has led several groups, the latest of which will be with him at Culturgest. Palle Danielson is Sweden’s

best-known bassist, having played with Bill Evans, Keith Jarrett and Jan Garbarek. Young drummer Martin France has also played and recorded with many great names. The trio’s two albums have both received critical acclaim, and *Whirlpool* will form the basis of tonight’s concert.

Quarteto Remix

Concerto comentado por Rui Pereira

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 11h00

Duração: 1h20 · M6 · €2,5 (preço único)
Para este concerto a bilheteira abre das 10h às 11h, retomando o horário normal às 14h.

Violino Angel Gimeno **Violino** José Pereira
Viola Trevor McTait **Violoncelo** Oliver Parr

Programa

Daniel Moreira

Quarteto nº 1, *Images-Miroirs*

Josef Haydn

Quarteto op. 33 nº 2, *A piada*

Alexandre Delgado

Pequena Suite Laurissilva

György Ligeti

Quarteto nº 1, *Metamorphosis nocturnes*

A tradição Clássica de atribuir nomes aos Quartetos de Cordas é aqui ilustrada desde os seus primórdios até ao século

XXI. Haydn coroou de humor o final de um dos seus Quartetos Prussianos, simulando vários finais que deixam o ouvinte sem saber quando é o momento certo para o tradicional aplauso. Alexandre Delgado homenageou a ilha da Madeira dedicando cada andamento do seu quarteto de cordas, escrito em 2001, a elementos pictóricos da floresta laurissilva.

Já György Ligeti e Daniel Moreira, Jovem Compositor em Residência na Casa da Música em 2009, revelam no nome dos seus quartetos aspectos relativos às técnicas que utilizaram na composição das respectivas obras. O primeiro quarteto de Ligeti é uma das obras mais importantes do seu primeiro período criativo, o chamado 'período húngaro' no qual o compositor revela ainda a influência de compositores como Bartók. A partir de um breve motivo



de três notas, Ligeti dá início a uma corrente de metamorfoses atingindo sonoridades de uma densidade orquestral considerável.

Este é, assim, um programa feito de surpreendentes contrastes quer pelos períodos históricos que percorre, quer pela extensa paleta sonora que um mesmo efectivo instrumental pode abordar.

The classical tradition of naming string quartets is illustrated here from the earliest days to the 21st century. Haydn gave several of his Prussian Quartets false endings so that audiences did not know when to applaud. Alexandre Delgado dedicated each movement of his 2001 string quartet to features of Madeira's forests. The names of György Ligeti's and Daniel Moreira's quartets reveal their composition techniques. The first quartet

by Ligeti is from his early 'Hungarian' period, showing Bartók's influence. This event will be full of surprising contrasts owing to the historical periods which it illustrates, demonstrating the wide range of sounds that four musicians can encompass.

Exposições

Miguel Soares

Vídeos e Animações 3D Videos and 3D Animation Works 1999-2005

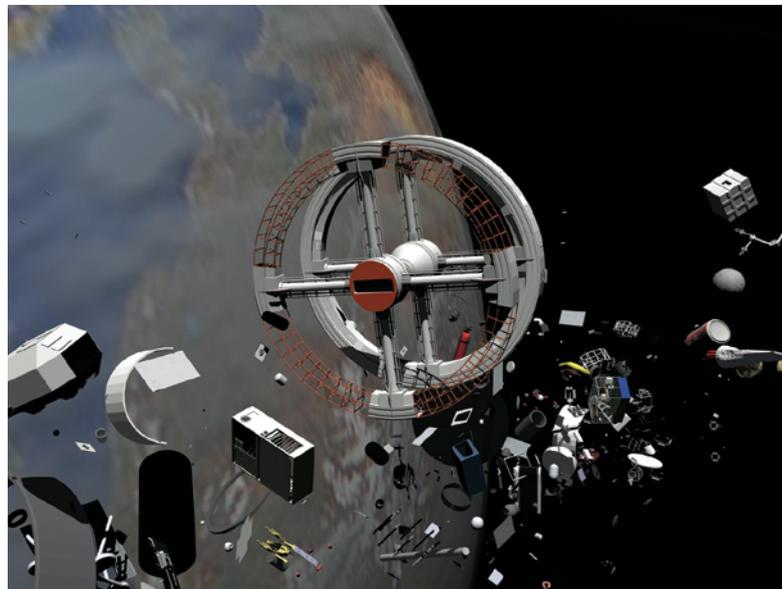
GALERIAS 1 E 2 · €2

Curadoria: Miguel Wandschneider

Desde o início da década de 1990 que o trabalho de Miguel Soares (Lisboa, 1970) revela um fascínio pelas utopias futuristas, pelas inovações tecnológicas e pelo universo iconográfico da ficção científica. Esse fascínio concretizou-se, numa fase inicial, através da apropriação e manipulação de imagens fotográficas preexistentes, assim como do recurso a referências e convenções do campo da *design* de equipamento, tomado primeiro como referente no plano da imagem fotográfica e depois transposto para a concepção formal das peças. Na segunda metade dessa década, parte significativa da actividade de Miguel

Soares conduziu a esculturas e instalações, com forte carácter interactivo, que representam personagens, ambientes, situações e objectos pertencentes a hipotéticos mundos de ficção científica. É nesta fase que o artista começa a usar o vídeo como meio de projecção de imagens animadas, primeiro retiradas de jogos de computador e depois criadas em 3D a partir de elementos gráficos disponíveis na internet. O seu trabalho dos primeiros anos teve uma recepção crítica francamente positiva, mas é com as animações 3D que atinge a maturidade. É justamente esta faceta do seu trabalho que esta exposição se propõe iluminar.

SpaceJunk beta 1.0, 2001



Miguel Soares (Lisbon, 1970) has been producing work since the early 1990s that reveals a fascination with futuristic utopias, technological innovations and the iconographic universe of science fiction. Initially, this fascination took the form of appropriating and manipulating pre-existing photographic images, as well as using references and conventions from the field of equipment design, firstly taken as a referent at the level of the photographic image and then transposed to the formal conception of the works. In the second half of that same decade, much of the artist's activity resulted in the production of highly interactive sculptures and installations, which represented characters, environments, situations and objects belonging

to hypothetical science fiction worlds. It was during this phase that the artist began to use video as a medium for projecting animated images, working at first with pictures drawn from computer games and then with other images created in 3D from graphic elements available on the Internet. In the first few years of his career, his work met a positive critical reception, but it was with his 3D animations that it reached full maturity. It is precisely this facet of his work that this exhibition now seeks to illuminate.

EXPOSIÇÃO DE 7 DE FEVEREIRO A 10 DE MAIO

JCJ Vanderheyden

A Analogia do Olho The Analogy of the Eye

GALERIA 1

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as 2 exposições

Conversa com JCJ Vanderheyden
e Miguel Wandschneider

Sábado, 7 de Fevereiro, 16h30

Visita guiada por Miguel Wandschneider

Sábados, 21 de Fevereiro
e 14 de Março, 17h00

Visitas guiadas

Domingos, 8 de Março, 5 de Abril
e 10 de Maio, 16h00

Quem tenha visto a exposição de Roma Publications na Culturgest, em 2006, lembrar-se-á porventura de um conjunto de três serigrafias na última sala: três formas geométricas simples, monocromáticas (azul, vermelho e preto), sobre fundo branco. É uma obra recente do artista holandês JCJ Vanderheyden (Den Bosch, 1928), que recupera o vocabulário das suas pinturas abstractas de meados da década de 1960. Em 1967, e durante quase dez anos, o artista deixou

de pintar para se dedicar à investigação dos fenómenos da luz, do tempo e do espaço, a experiências com o som e o vídeo, ou à construção de cabines para experienciar o tempo. Desde que retomou aquela prática, em 1976, as suas pinturas reincidentem nos mesmos motivos (por exemplo, o horizonte do céu ou o xadrez) e reiteram as mesmas questões e preocupações: a intersecção entre a pintura e a fotografia, a analogia entre a câmara fotográfica e o olho humano, as relações recíprocas entre o microscópico e o macroscópico, ou entre o fragmento e a totalidade, para referir algumas. Nos últimos vinte e cinco anos, Vanderheyden realizou diversas exposições retrospectivas no seu país (Van Abbemuseum em Eindhoven, 1983; Boijmans Museum em Roterdão, 1990; e Stedelijk Museum em Amsterdão, 2001), mas permanece ainda pouco conhecido fora da Holanda (apesar da sua participação na Documenta de Kassel, em 1982). Esta é a primeira retrospectiva do seu trabalho fora da Holanda.



Visitors to the Roma Publications exhibition at Culturgest, in 2006, will perhaps recall a set of three silk-screens in the last room: three simple geometrical forms, each one monochrome (blue, red and black), on a white background. This is a recent work by the Dutch artist JCJ Vanderheyden (Den Bosch, 1928), which returns to the vocabulary of his abstract paintings from the mid-1960s. In 1967, and for a period of almost ten years, the artist stopped painting to devote himself to research into the phenomena of light, time and space, experiments with sound and video, and the building of booths for experiencing time. Since his return to that practice in 1976, his paintings have touched upon recurrent motifs (for example, the skyline and the chess

pattern) and have reiterated the same questions and concerns: the intersection between painting and photography, the analogy between the camera and the human eye, the reciprocal relationship between the microscopic and the macroscopic, or between the fragment and the whole, to mention just a few. Over the last twenty-five years, Vanderheyden has held various retrospective exhibitions in his own country (Van Abbemuseum in Eindhoven, 1983; Boijmans Museum in Rotterdam, 1990; and Stedelijk Museum in Amsterdam, 2001), but he still remains relatively unknown outside Holland (despite his participation in the Documenta at Kassel, in 1982). This is the first retrospective exhibition of his work outside Holland.

EXPOSIÇÃO DE 7 DE FEVEREIRO A 10 DE MAIO

Jochen Lempert

GALERIA 2

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as 2 exposições

Conversa com Jochen Lempert
e Miguel Wandschneider

Sábado, 7 de Fevereiro, 18h00

Visita guiada por Miguel Wandschneider

Sábado, 28 de Fevereiro, 17h00

Quinta-feira, 21 de Março, 17h00

Visitas guiadas

Domingos, 8 de Março, 5 de Abril
e 10 de Maio, 17h30

Antes de eleger a fotografia como *medium* do seu trabalho artístico, Jochen Lempert (Moers, Alemanha, 1958) dedicou-se intensamente, entre 1979 e 1989, à realização de filmes experimentais no âmbito do colectivo Schmelzdahin. Paralelamente, entre 1980 e 1988, fez os seus estudos universitá-

rios em Biologia. De ambas as actividades ficariam traços indeléveis no seu trabalho fotográfico. Este distingue-se, desde logo, pela escolha do assunto: os animais, que o artista investiga com um olhar informado e uma curiosidade insaciável, nas suas diferentes formas e nos mais diversos contextos (do *habitat* natural ao museu de história natural, do jardim zoológico ao meio urbano), mas também nas suas manifestações e representações na vida quotidiana e na cultura material. A este interesse pelos animais como assunto alia-se uma exploração das propriedades e da materialidade da imagem fotográfica. Jochen Lempert fotografa com uma câmara de 35mm e a preto e branco, escolhe deliberadamente papéis que não se conformam aos padrões profissionais e tira partido, de forma prodigiosa, do processo de revelação. O seu trabalho

Sem título (Cisne), 2007



define uma posição artística solitária, discretamente construída sem qualquer concessão às tendências e aos cânones dominantes na fotografia contemporânea.

Before choosing photography as the medium for his artistic work, Jochen Lempert (Moers, Germany, 1958) dedicated himself intensely, between 1979 and 1989, to the practice of experimental film within the Schmelzdahin collective. In parallel to this activity, between 1980 and 1988, he studied biology at university. Both activities were to leave indelible marks on his photographic work, which was immediately distinguished by his choice of subject matter: animals. The artist researched this theme with an informed gaze and an insatiable

curiosity, in the most diverse contexts (ranging from the natural habitat to the museum of natural history, or from the zoo to the urban environment), as well as in its manifestations and representations in daily life and material culture. This interest in animals as a subject has been further complemented by his exploration of the properties and materiality of the photographic image. Jochen Lempert photographs in black and white with a 35mm camera, deliberately choosing to use papers that do not conform to professional standards and taking prodigious advantage of the development process. His work defines a unique artistic position, discreetly constructed without any concession to the dominant trends and canons of contemporary photography.

EXPOSIÇÃO CULTURGEST PORTO DE 17 DE JANEIRO A 4 DE ABRIL

Alexander Gutke

Entrada gratuita
Curadoria: Chris Sharp

Conversa com Alexander Gutke
e Chris Sharp

Sábado, 17 de Janeiro, 17h00

Visitas guiadas a grupos escolares
e/ou organizados (a partir de 10 pessoas)

De segunda a sexta-feira · Duração: 1h00

Acesso gratuito mediante marcação
prévia de 8 dias.

Público-alvo: Todos os níveis de ensino
(do pré-escolar ao superior).

Orientação: Carla Filipe, Cristina
Regadas, Isabel Ribeiro

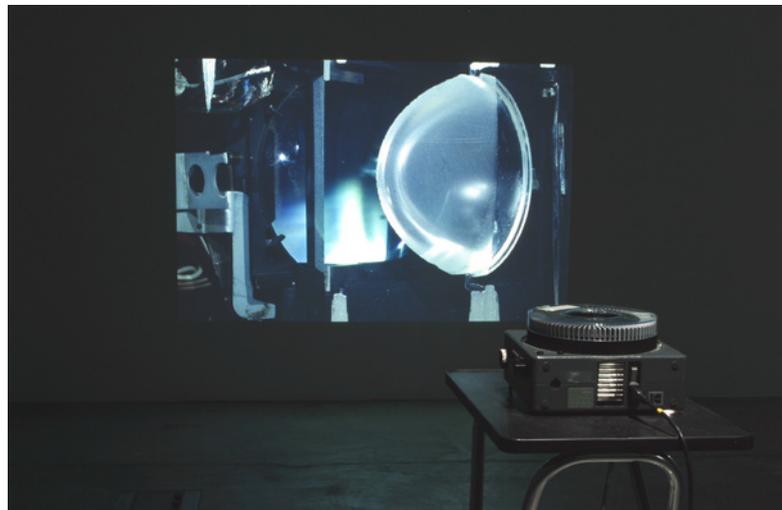
Inscrições e informações:

Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Esta é a primeira apresentação extensiva
do trabalho do artista sueco Alexander
Gutke (n. 1971), que vive e trabalha em

Malmo, fora do seu país de origem. A exposição inclui uma selecção representativa das suas obras em filme e diapositivo, além de várias esculturas, cobrindo um período que vai de 2000 até hoje. Lidando com modos de reprodução e projecção, com a auto-reflexividade, o ilusionismo, a narrativa e o cinema, a obra de Alexander Gutke pode caracterizar-se como um romantismo analítico ou até um materialismo místico. O artista investiga analiticamente a composição de dispositivos de reprodução ou projecção como câmaras e projectores de diapositivos, valorizando os seus interiores ou mecanismos invisíveis como espaços férteis para a imaginação. O interesse do artista nas condições materiais de reprodução e projecção vai para além de uma simples materialidade; o seu olhar perscrutador evoca algo maior e inexplicável. Gutke incorpora

Exploded View, 2005. Fotografia: Raymond Hejdström



o legado da arte conceptual, sem cair na paródia nem na mera citação. A sua sensibilidade meticulosa e poética é a de um contador de histórias, cuja metodologia se aventura no sublime.

This is the first survey exhibition of the Malmo-based Swedish artist Alexander Gutke (b. 1971) to be held outside his home country. It presents a broad selection of the artist's film-based and slide-based works, in addition to a number of sculptures, covering a period from 2000 until the present day. Preoccupied with modes of projected reproduction, self-reflexivity, illusionism, narrative and cinema, the work of Alexander Gutke could be characterized as a form of analytical romanticism or even of mystical materialism. He analytically investigates the composition of reproductive or projective devices such as cameras and slide

projectors, enhancing the importance of their unseen interiors or mechanisms as fertile spaces for the imagination. Meanwhile, his interest in the material conditions of reproduction and projection goes far beyond mere materiality; the scrutiny of his artistic gaze evokes something greater and more inexplicable. Gutke builds upon the legacy of conceptual art, while neither parodying it nor merely citing it, to draw attention to more lasting concerns. His meticulous and poetic sensitivity is that of an unusual storyteller, whose methodology ventures into the sublime.

Tesouros Submersos do Antigo Egipto

Apresentados por Francisco Tropa

Entrada gratuita
Curadoria: Ricardo Nicolau

Pertencentes a vários tempos, várias épocas, as dezenas de obras a apresentar, entre esculturas, moedas, objectos de culto e de uso, seguem métodos tradicionais de conversão pré-industrial, compondo-se de vidro, areia, bronze e madeira; são partes de um todo perdido, frágeis e raras, apresentando processos naturais de desgaste, de degradação. Algumas parecem, nos dias de hoje, reportar-se à tradição escultórica, às características históricas e técnicas (moldes, encaixes) que têm definido aquele suporte, outras parecem aludir a tratados sobre geometria, nomeadamente sobre rebatimento e projecção de sombras – ou mesmo àqueles outros que, nos séculos XIX e XX, pretenderam demonstrar uma quarta dimensão do espaço mediante complicados exercícios feitos a partir de objectos, designadamente cubos coloridos.

Belonging to various times and ages, the many different works exhibited, including sculptures, coins and objects of worship and everyday use, were manufactured using methods of pre-industrial conversion and processing, being made of glass, sand, bronze and wood; they are parts of a lost whole, fragile and rare, showing natural signs of wear and tear. Some seem, today, to refer to the sculptural tradition, to the historical and technical characteristics (moulds, housings) that have defined it, others seem to allude to treatises on geometry, namely those written about orthogonal projection and the projection of shadows – or even to those which, in the 19th and 20th centuries, sought to demonstrate a fourth dimension of space through complicated exercises based on the use of objects, namely coloured cubes.



Serviço Educativo



JCJ Vanderheyden

A Analogia do Olho

Exposição · De 7 de Fevereiro a 10 de Maio · Galeria 1

Actividades para adultos

Conversa com JCJ Vanderheyden e Miguel Wandschneider

Sábado, 7 de Fevereiro, 16h30

Visitas guiadas por Miguel Wandschneider

Sábados, 21 de Fevereiro e 14 de Março, 17h00

Visitas guiadas

Domingos, 8 de Março, 5 de Abril e 10 de Maio, 16h00

Actividades para crianças

Visitas-jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1º ciclo

Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h00

Viagem com sentidos

Pré-escolar

Vamos tocar com os olhos, falar com as

mãos, olhar com os ouvidos e descobrir o mundo! Uma visita-jogo que combina yoga e movimento e nos mostra como a percepção do mundo se altera conforme o que nos rodeia. **Concepção e orientação** Carmo Rolo, Joana Ratão e Nuno Palha

Brincadeiras do olhar

Pré-escolar

Visita-jogo. A partir de uma selecção de obras, vamos explorar os limites do nosso olhar. Como num truque de magia... nem sempre o que se vê é real! **Concepção e orientação** Carmo Rolo, Diana Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana Alves

A bússola de Vanderheyden

1º ciclo

Com uma bússola que nos aponta em direcções que parecem impossíveis conseguiremos voar até aos Himalaias? Como veremos o mundo depois? Uma visita-jogo que combina yoga e movimento e nos mostra como a percepção do mundo se altera conforme o que nos rodeia. **Concepção e orientação** Carmo Rolo, Joana Ratão e Nuno Palha

Engenhocas que servem para olhar

1º ciclo

Como será que funciona o nosso olhar? E se passássemos a ter olhos na nuca, quatro olhos ou até mesmo um pescoço gigante que pudesse girar a toda à volta? Será que passaríamos a olhar o mundo de forma diferente? Visita-jogo que aborda os limites e as potencialidades da percepção visual através da exploração das obras e de dispositivos ópticos simples. **Concepção e orientação** Carmo Rolo, Diana Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana Alves

Dois em um

1º ciclo

Dois artistas, duas exposições, dois pontos de vista sobre questões semelhantes. Aceita o desafio e ajuda a construir uma ponte entre estes dois universos. **Concepção e orientação** Diana Ramalho, Pietra Fraga e Susana Alves

Mala pedagógica

Pré-escolar e 1º ciclo

Gratuita mediante marcação de visita-jogo à exposição. **Concepção e orientação** Joana Ratão e Pietra Fraga

Mala portátil

Temos uma mala pedagógica sobre esta exposição para poder explorar na sala de aula. Solicite-a por e-mail e venha levá-la na Culturgest.

Mala digital

Embora mais reduzida em conteúdo esta mala pedagógica está também disponível em formato digital. Solicite-a por e-mail.

Ajuda-nos a fazer o álbum de recordações desta exposição!

Envia-nos os teus desenhos, as tuas cartas e os teus recortes ou relata-nos a tua experiência e as memórias que guardaste após a vinda à galeria.

Actividades para jovens

Visitas-jogo e visitas guiadas à exposição

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h30

A bússola de Vanderheyden

2º e 3º ciclos

Com uma bússola que nos aponta em

direcções que parecem impossíveis conseguiremos voar até aos Himalaias? Como veremos o mundo depois? Uma visita-jogo que combina yoga e movimento e nos mostra como a percepção do mundo se altera conforme o que nos rodeia. **Concepção e orientação** Carmo Rolo, Joana Ratão e Nuno Palha

Dois artistas, uma visita

2º e 3º ciclos

Visita-jogo que interliga os trabalhos de JCJ Vanderheyden (galeria 1) e Jochen Lempert (galeria 2) através da exploração dos mecanismos de percepção. **Concepção e orientação** Diana Ramalho, Pietra Fraga e Susana Alves

M3C4N15M05 D3 P3RC3PÇ46

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
A partir de uma selecção de obras de JCJ Vanderheyden vamos explorar os diferentes mecanismos e truques que envolvem a percepção óptica. **Concepção e orientação** Carmo Rolo, Diana Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana Alves

Outras visitas guiadas à exposição

2º ciclo, 3º ciclo, ensino secundário e ensino superior · Marcação prévia
€0,50 · Duração aprox. 1h30

É professor?

Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt e consulte o caderno do professor 2008-2009 para saber em pormenor as nossas propostas de exploração pedagógica para cada evento.



Jochen Lempert

Exposição · De 7 de Fevereiro
a 10 de Maio · Galeria 2

Actividades para adultos

**Conversa com Jochen Lempert
e Miguel Wandschneider**
Sábado, 7 de Fevereiro, 18h00

**Visitas guiadas
por Miguel Wandschneider**
Sábado, 28 de Fevereiro, 17h00
Quinta-feira, 21 de Março, 17h00

Visitas guiadas
Domingos, 8 de Março, 5 de Abril
e 10 de Maio, 17h30

Actividades para crianças

Visitas-jogo à exposição
Ensino pré-escolar e 1º ciclo
Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h00

Catalog_arte: animais e outros mais...
Pré-escolar e 1º ciclo
Embarca na aventura e transforma-te
num biólogo cujo desafio é catalogar

espécies de animais que já existem
ou que ainda estão por descobrir.
Visita-jogo à exposição do artista
Lempert que nos desperta para a
coabitação/coevolução entre o Homem
e o Animal.

Concepção e orientação Carmo Rolo, Diana
Ramalho, Joana Ratão e Pietra Fraga

O avião é um pássaro?

Pré-escolar e 1º ciclo

Visita-jogo de (de)composição do
movimento e das imagens. Será que o
mundo é realmente como o vês? Move
as janelas do teu imaginário para ver o
infinito e mais alguém!

Concepção e orientação Crescer Teatrando/Gato
que Ladra, Susana Alves e Yola Pinto

Dois em um

1º ciclo

Dois artistas, duas exposições, dois
pontos de vista sobre questões
semelhantes. Aceita o desafio e ajuda
a construir uma ponte entre estes dois
universos. **Concepção e orientação** Diana Ramalho,
Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana
Alves

Mala pedagógica

Pré-escolar e 1º ciclo

Gratuita mediante marcação de visita-
jogo à exposição. **Concepção e orientação** Joana
Ratão e Pietra Fraga

Mala portátil

Temos uma mala pedagógica sobre esta
exposição para poder explorar na sala
de aula. Solicite-a por e-mail e venha
levantá-la na Culturgest.

Mala digital

Embora mais reduzida em conteúdo

esta mala pedagógica está também
disponível em formato digital. Solicite-a
por e-mail.

Ajuda-nos a fazer o álbum de recordações desta exposição!

Envia-nos os teus desenhos, as tuas
cartas e os teus recortes ou relata-nos
a tua experiência e as memórias que
guardaste após a vinda à galeria.

Actividades para jovens

Visitas-jogo e visitas guiadas à exposição

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h30

O avião é um pássaro?

2º ciclo

Visita-jogo de (de)composição do
movimento e das imagens. Será que o
mundo é realmente como o vês? Move
as janelas do teu imaginário para ver o
infinito e mais alguém!

Concepção e orientação Crescer Teatrando/Gato
que Ladra, Susana Alves e Yola Pinto

Dois artistas, uma visita

2º e 3º ciclos

Visita-jogo que interliga os trabalhos
de J.C.J. Vanderheyden (galeria 1) e
Jochen Lempert (galeria 2) através
da exploração dos mecanismos de
percepção. **Concepção e orientação** Diana
Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga
e Susana Alves

Catalog_arte: faz um catálogo do que vêem os teus olhos

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
Visita-jogo à exposição de J. Lempert na
qual abordaremos algumas estratégias

de representação das formas e das
turbulências que a Natureza encerra.
Concepção e orientação Carmo Rolo, Diana
Ramalho, Joana Ratão e Pietra Fraga

Outras visitas guiadas à exposição
2º ciclo, 3º ciclo, ensino secundário
e ensino superior · Marcação prévia
€0,50 · Duração aprox. 1h30

É professor?

Visite o link do serviço educativo em
www.culturgest.pt e consulte o caderno
do professor 2008-2009 para saber
em pormenor as nossas propostas
de exploração pedagógica para cada
evento.



desenvolvido trabalho com crianças em áreas tão diferentes como a Música, as Artes Plásticas ou a Botânica.

Mariana Lemos

Sábado, 14 de Março das 15h às 17h30
Bailarina e professora de dança, licenciada pela Unicamp-Brasil e mestranda em Pedagogia pela Escola Superior de Dança de Lisboa. Vive e trabalha em Portugal desde 2004, sempre ligada ao c.e.m - centro em movimento.

OUTRAS ACTIVIDADES PARA ADULTOS

Oficinas práticas ao Sábado, para adultos

€5 · Sessões em simultâneo com as oficinas para crianças 'Ar dos Artistas'

Nuno Palha

Sábado, 17 de Janeiro das 15h às 17h30
Estudou Yoga na Califórnia pela Ananda Marga e no Institute of Intuitional and Social Science na Suécia especializando-se em Yoga, Meditação, Educação Neo-Humanista e Filosofia Oriental. Estudou Pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes e Fotografia no CENJOR. Colabora com várias escolas, museus, bibliotecas e outras instituições, orientando actividades de Yoga e Artes para crianças, jovens e adultos.

Carmo Rolo

Sábado, 14 de Fevereiro das 15h às 17h30
Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa e mestranda na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Desde a conclusão da licenciatura até ao presente tem

Oficinas práticas para professores e educadores

Marcação prévia · €5 (cada sessão)
Duração aprox. 2h30

Com estas oficinas pretendemos analisar o potencial das expressões artísticas enquanto ferramentas educativas e partilhar algumas estratégias para tornar um conteúdo erudito e artístico num conteúdo acessível à animação.

A Expressão Dramática como ferramenta

Quinta-feira, 12 de Fevereiro, 18h30
Outras datas disponíveis para grupos organizados (a partir de 10 pessoas). Análise de exemplos práticos sobre os desafios, limitações e ligação entre expressão dramática e museus e de alguns métodos de abordagem ao conteúdo da exposição/obra de arte. Formas de aproximação ao visitante a partir da expressão dramática.

Concepção e orientação Crescer Teatrando/
José Mateus

**Expressão Corporal e Artes Plásticas:
consciência do movimento (1ª sessão)**
Quinta-feira, 5 de Março, 18h30

Consciencializar o corpo como referencial mais imediato e concreto. Percepção do movimento enquanto processo motor (músculos e esqueleto) e na construção de intercâmbios com o mundo exterior, nomeadamente na relação com a obra de arte. Encontrar pontos de contacto entre o movimento e um determinado objecto artístico. A 2.ª sessão deste módulo realiza-se na próxima temporada.

Concepção e orientação Yola Pinto

Para saber mais sobre estas oficinas...

Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt ou contacte-nos directamente!

Telefone: 21 790 54 54 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt



OUTRAS ACTIVIDADES PARA JOVENS

Oficinas práticas para futuros educadores, mediadores e animadores de museus e espaços culturais
Marcação prévia · €2,5 (por sessão)

Duração aprox. de cada sessão: 2h30
Mínimo 15 elementos

Destinado a alunos do ensino secundário e superior que frequentem formação na área da Educação, Animação e Gestão Cultural.

Módulos contínuos e complementares. Tendo em conta o bom funcionamento de todas as sessões, o 1º módulo é obrigatório. Algumas sessões podem ser realizadas na sala de aula.

Com estas oficinas pretendemos analisar o potencial das expressões artísticas enquanto conteúdo da animação sociocultural e partilhar algumas estratégias e dinâmicas de grupo que ajudem a tornar um conteúdo hermético, erudito e artístico num conteúdo da animação dos variados públicos.

1. Os desafios de Educar, Mediar e Animar em museus e espaços culturais

Quais as interligações possíveis entre a Animação e os espaços culturais?
Concepção e orientação Raquel Ribeiro dos Santos

2. A concepção de material didáctico para visitas-jogo: o caso da galeria de arte contemporânea

Contextos e problemáticas da concepção do material didáctico de apoio às visitas-jogo.
Concepção e orientação Pietra Fraga

3. A Expressão Corporal: o Movimento no museu!

Análise de estudos de caso relacionados com visitas guiadas, de movimento, a exposições de arte.
Concepção e orientação Mariana Lemos

4. As Palavras do Som

Num espaço informal e onde há falta de recursos materiais como é possível trabalhar a música?

Concepção e orientação Tiago Pereira

5. Expressão Corporal e Artes Plásticas: consciência do movimento

Existem pontos de contacto entre o movimento e um objecto artístico?

Concepção e orientação Yola Pinto

5.1 Expressão Corporal e Artes Plásticas: o Movimento e a Obra de Arte (continuação)

A animação com base no trabalho de movimento/expressão corporal e uma situação real. Concepção e orientação Yola Pinto

6. A Expressão Dramática no Museu: corpo, voz e personagem

A expressão dramática na realidade do animador. Concepção e orientação Crescer Teatrando/José Mateus

6.1 A Expressão Dramática como ferramenta (continuação)

Quais os desafios e as limitações da expressão dramática nos museus?

Concepção e orientação Crescer Teatrando/José Mateus

7. Apresentação e aplicação de exercícios práticos

Na última oficina os papéis invertem-se: alunos passarão a monitores de visitas guiadas. Concepção Raquel Ribeiro dos Santos Orientação vários colaboradores do Serviço Educativo

© Folha



OUTRAS ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS

Celebra o teu dia de anos com arte

Sala própria · Galerias 1 e 2
Dos 5 aos 12 · Marcação prévia
€150 (por grupo) · Para grupos organizados (mínimo 10, máximo 20 crianças) · Duração aprox. 2h30

Várias oficinas práticas de diferentes expressões artísticas.

Contacte-nos e juntos desenharemos uma oficina que se adapte ao perfil do grupo de convidados.

O ar dos artistas

Sábados à tarde – oficinas práticas
Dos 7 aos 12 anos · Marcação prévia
€15 (4 sessões)/€5 (por sessão)

As sessões são complementares mas cada oficina tem uma orgânica própria que permite a presença em apenas uma.

Sábados em Janeiro

10, 17, 24 e 31 de Janeiro
das 15h às 17h30

Concepção e orientação Carmo Rolo
Licenciada em Escultura pela Faculdade

de Belas Artes de Lisboa e mestranda na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Desde a conclusão da licenciatura até ao presente tem desenvolvido trabalho com crianças em áreas tão diferentes como a Música, as Artes Plásticas ou a Botânica.

Sábados em Fevereiro

Oficinas que abordam o espectáculo Barulhada, de Tânia Carvalho
7, 14, 21 e 28 de Fevereiro das 15h00 às 17h30

Concepção e orientação Mariana Lemos
Bailarina e professora de dança, licenciada pela Unicamp-Brasil e mestranda em Pedagogia pela Escola Superior de Dança de Lisboa. Vive e trabalha em Portugal desde 2004, sempre ligada ao c.e.m – centro em movimento.

Sábados em Março

7, 14, 21 e 28 de Março das 15h00 às 17h30

Concepção e orientação Nuno Palha
Estudou Yoga na Califórnia pela Ananda Marga e no Institute of Intuitional and Social Science na Suécia especializando-se em Yoga, Meditação, Educação Neo-Humanista e Filosofia Oriental. Estudou Pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes e Fotografia no CENJOR. Colabora com várias escolas, museus, bibliotecas e outras instituições, orientando actividades de Yoga e Artes para crianças, jovens e adultos.



FÉRIAS DE CARNAVAL NA CULTURGEST

Actividades para inscrições individuais 23 e 25 de Fevereiro

Dos 4 aos 6 anos · Dos 6 aos 10 anos
Dos 10 aos 14 anos
Oficinas de 2 sessões em continuidade
€20 · Desconto de 30% aos colaboradores da Caixa Geral de Depósitos e na inscrição do segundo filho.

Marcação prévia, apenas por e-mail.

Brincadeira de artistas

Dos 4 aos 6 anos. Das 10h00 às 12h30 ou das 14h30 às 17h00
Vem descobrir que os brinquedos que pensas conhecer tão bem escondem verdadeiras obras de arte!

Concepção e orientação Susana Alves com a colaboração de Carmo Rolo

A nossa máscara fala!

Dos 6 aos 10 anos. Das 10h00 às 13h00
Oficina que interliga a expressão plástica com a dramática, estimulando a imaginação e o recurso ao corpo como ferramenta para a criatividade.

Partindo de máscaras já existentes, a oficina centra-se na transformação dessa máscara e na procura da expressão física e da voz de uma personagem.

Concepção e orientação Crescer Teatrando/ José Mateus

Caretas e Caretos

Dos 6 aos 10 anos. Das 14h30 às 17h30
Ao som de chocalhos e instrumentos musicais populares portugueses vamos explorar movimentos, caretas e Caretos. Fatos terminados e máscaras colocadas iremos acompanhar a Gaita de Foles com as nossas palmas, pés e chocalhos numa coreografia de percussão corporal.
Concepção e orientação Tiago Pereira

Torcer os bigodes ou trocar os pés?

Dos 10 aos 14 anos. Das 10h00 às 13h00 e das 14h30 às 17h30
Cubistas e Surrealistas inspiram uma divertida brincadeira com o corpo e a imagem que criamos. Duas oficinas que se interligam. Pela manhã, no escuro de um laboratório de fotografia, criamos um novo corpo. De tarde, com o corpo em movimento, damos-lhe novos sentidos.
Concepção e orientação Joana Ratão e Mariana Lemos

FÉRIAS DE PÁSCOA NA CULTURGEST

Actividades para inscrições individuais De 30 de Março a 3 de Abril

1ª semana: 5 sessões · €35

De 6 a 8 de Abril

2ª semana: 3 sessões · €25

Dos 4 aos 6 anos · Dos 6 aos 10 anos

Dos 10 aos 14 anos



Oficinas de 3 ou 5 sessões em continuidade

Desconto de 30% aos colaboradores da Caixa Geral de Depósitos e na inscrição do segundo filho.

Almoço disponível para os meninos inscritos o dia inteiro nas oficinas.

Preço não incluído no valor das oficinas.

Marcação prévia, apenas por e-mail.

Primeira semana de férias de 30 de Março a 3 de Abril (5 sessões)

Dentro de mim há um tesouro

Dos 4 aos 6 anos. Das 10h00 às 12h30 ou das 14h30 às 17h00

Sabes que tens um tesouro dentro de ti? Qual será? Até onde nos pode levar a imaginação? Embarca connosco numa 'viagem' pelos objectos perdidos e esquecidos no fundo de um baú. A imaginação será a nossa melhor aliada e a chave para descobriremos mistérios e criarmos histórias fantásticas.

Concepção e orientação Susana Alves e Susana Pereira

Postais de onde eu nunca estive

Dos 6 aos 10 anos. Das 10h00 às 13h00
A partir da exposição patente de J. Lempert, oficina de expressão dramática com momentos de descoberta de movimento e de descoberta musical. Onde é que já estiveste sem saber? Que histórias lá encontraste? Que sons ouviste? Que vento sentiste? E se lá fossemos outra vez?

Concepção Proto/Pedro Saavedra

Orientação Pedro Saavedra com Inês Tarouca e Luciana Ribeiro

A Janela do Universo

Dos 6 aos 10 anos. Das 14h30 às 17h30

A partir da exposição patente de JCJ Vanderheyden.

Viajando pelo tempo e percorrendo o espaço, vamos iniciar uma colorida aventura em busca da janela que nos vai mostrar que eu e tu somos um! Uma oficina com yoga, histórias e artes plásticas. **Concepção e orientação** Nuno Palha

A minha escova de dentes

Dos 10 aos 14 anos. Das 10h00 às 13h00

Oficina de exploração através do movimento de alguns temas colocados pelos artistas Jochen Lempert e JCJ Vanderheyden. Vamos abordar a relação entre o todo e as partes e a associação única e espontânea que cada um de nós faz entre imagens. Tragam pences, pares de sapatos, um recorte de jornal ou uma frase que gostem muito e venham descobrir as possibilidades de um novo olhar. **Concepção e orientação** Yola Pinto

Uma semana de palavras bravas

Dos 10 aos 14 anos. Das 14h30 às 17h30

Em tempo de férias, uma oficina de escrita divertida com leituras, ilustrações

e contos pelo meio. Um espaço informal de mediação do livro e da leitura, usando diferentes recursos.

Concepção e orientação Miguel Horta

Segunda semana de férias de 6 a 8 de Abril (3 sessões)

Arte postal e outras mensagens

Dos 4 aos 6 anos. Das 10h00 às 12h30 ou das 14h30 às 17h00

Uma oficina de correio azul, amarelo, verde, enfim, com todas as cores do arco-íris. Vamos enviar postais originais feitos por nós e só falta escolher o destinatário e colocar o selo! A sério... não é faz de conta. **Concepção e orientação** Miguel Horta e Ana Rita Ribeiro

A cesta

Dos 6 aos 10 anos. Das 10h00 às 13h00 e das 14h30 às 17h30

Oficina que une o movimento à expressão plástica. Já pensaste que o teu corpo é como uma enorme cesta que vai coleccionando imagens e sensações? Vamos inspirar-nos nas obras expostas na nossa galeria e criar diferentes leituras e associações sobre imagens e objectos que para ti sejam especiais.

Concepção e orientação Yola Pinto e Joana Ratão

O fio da cesta

Dos 6 aos 10 anos. Das 10h00 às 13h00
Oficina de movimento. **Orientação** Yola Pinto

O universo numa cesta

Dos 6 aos 10 anos. Das 14h30 às 17h30
Oficina de expressão plástica.

Orientação Joana Ratão

Postais de onde eu nunca estive

Dos 10 aos 14 anos. Das 10h00 às 13h00

A partir da exposição patente de J. Lempert, oficina de expressão dramática com momentos de descoberta de movimento e de descoberta musical. Onde é que já estiveste sem saber? Que histórias lá encontraste? Que sons ouviste? Que vento sentiste? E se lá fossemos outra vez? **Concepção** Proto/Pedro Saavedra **Orientação** Pedro Saavedra com Inês Tarouca e Luciana Ribeiro

A Janela do Universo

Dos 10 aos 14 anos. Das 14h30 às 17h30
A partir da exposição patente de JCJ Vanderheyden. Viajando pelo tempo e percorrendo o espaço, vamos iniciar uma colorida aventura em busca da janela que nos vai mostrar que eu e tu somos um! Uma oficina com yoga, histórias e artes plásticas.
Concepção e orientação Nuno Palha

Para saber mais sobre estas oficinas...

Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt ou contacte-nos directamente!
Telefone: 21 790 54 54 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

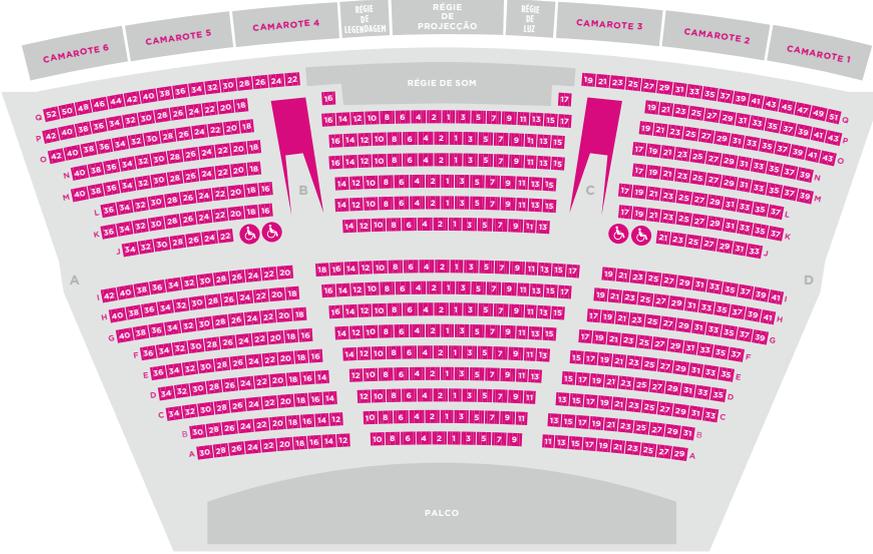
Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Ana Feteira Monteiro
Ana Gonçalves
Carmo Rolo
Carolina Rito
Crescer Teatrando
Diana Ramalho
Inês Freitas
Isabel Gomes
Joana Ratão
José Mateus
Mafalda Santos
Mariana Lemos
Marília Pasqual
Miguel Horta
Nuno Palha
Pedro Barbeitos
Pietra Fraga
Proto/Pedro Saavedra
Rute Rocha
Susana Alves
Susana Pereira
Tiago Pereira
Yola Pinto

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES

Tel. 21 790 54 54 · Fax 21 848 39 03
culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Grande Auditório



GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horário de funcionamento (até 31 de Janeiro)

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h. Nos dias de espectáculo, até à hora do início do mesmo.

Novos horários

(a partir de 1 de Fevereiro)

Bilheteira de espectáculos

De segunda a sexta-feira, das 13h às 19h. Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h. Nos dias de espectáculo, até à hora do início do mesmo.

Bilheteira de exposições

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
ENCERRA À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espectáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%.
As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas Galerias. As assinaturas são válidas no limite dos bilhetes disponíveis.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes com 30% de desconto).
40% a titulares dos cartões

Caixautomática Universidade / Politécnico, ISIC (International Student Identity Card) e ITIC (International Teacher Identity Card); titulares do cartão Caixa Fã que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão ICOM.

Entrada gratuita a jovens até aos 16 anos. Funcionários e reformados da CGD (2 bilhetes gratuitos).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes com 30% de desconto) e titulares dos cartões Caixagold e Visabeira Exclusive que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

40% a titulares dos cartões Caixautomática Universidade / Politécnico, ISIC (International Student Identity Card) e ITIC (International Teacher Identity Card); titulares do cartão Caixa Fã que o utilizem como

meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da CGD (até 2 bilhetes com 50% de desconto).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30. Sábados, Domingos e Feriados, das 14h às 20h. Nos dias de espectáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56; Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767; Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Av. dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins-de-semana e feriados
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Bilhetes à venda

Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt
Reservas: 707 234 234

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos. Nos dias úteis só é permitido o acesso ao parque para espectáculos que se realizem depois das 18h00.

Programa sujeito a alterações



NO CENTRO DA CIDADE
ALUGUER DE ESPAÇOS

INFORMAÇÕES 21 790 54 54

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos · Rua Arco do Cego 1000-300 Lisboa
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt



Apoio na divulgação:



Se quiser receber em sua casa
a programação da Culturgest telefone-nos,
escreva-nos, envie um fax ou um e-mail para
culturgest.newsletter@cgd.pt

Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa

Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt